

**RELATÓRIO DA Oficina para elaboração de
Diretrizes para o “Programa de Apoio ao
Desenvolvimento do Turismo Sustentável do
Litoral Norte-SP”**

18 DE OUTUBRO DE 2011, SÃO SEBASTIÃO - SP

REALIZAÇÃO:

CEDS

CONVÊNIO: REALNORTE, PETROBRAS E UNISANTOS

APOIO:

FAZENDA SANTANA

www.cedslitoralnorte.org.br

Convênio:



Ficha Técnica:

1. Coordenação: Patricia Ortiz.
2. Mediação: Paul Dale.
3. Suporte Operacional: Samanta Rassin, Arminda Jardim e Ana Paula Mendes.
4. Relatoria: Roberta Pedroso.
5. Revisão: Paul Dale e Patricia Ortiz.

Convênio:

Apresentação

As entidades ambientalistas reunidas no colegiado ReaLNorte, a Petrobras e a Universidade Católica de Santos (UNISANTOS) desde 2008 discutem através do COMDIAL – Comitê de Diálogo para a Sustentabilidade – que consiste em um fórum de negociações criado para a discussão e proposição de ações e projetos em prol do desenvolvimento sustentável dos municípios que compõem o Litoral Norte de São Paulo, por meio do CEDS/LN – Centro de Desenvolvimento Sustentável do Litoral Norte paulista.

Desde 2008 várias ações foram realizadas em prol do desenvolvimento sustentável da região. Dentre elas vale destacar a série de seminários realizados para reflexão acerca desta temática.

Em 29 e 30 de Maio de 2009, em Ilhabela, ocorreu o terceiro Seminário – “*Unidades de Conservação da Natureza*”, que:

“propiciou discussão sobre as oportunidades que as Unidades de Conservação geram, ou podem potencialmente propiciar, no sentido de alavancar o desenvolvimento regional e local, de forma sustentável, sobretudo a partir de parcerias firmadas entre os gestores dessas áreas (*policy makers*) com a sociedade civil.” (COMDIAL/CEDS, 2010).

De 27 a 29 de agosto de 2009, em Ubatuba, foi realizado o Seminário “Turismo Sustentável no Litoral Norte de SP: Desenvolvimento Participativo de Produtos Sustentáveis de Turismo Regional”, cujo objetivo foi:

“apresentar conceitos e práticas de turismo sustentável, focando a discussão nos elementos necessários para desenvolvimento e promoção participativa de produtos sustentáveis de turismo da região. Ou seja, foi um desdobramento direto dos eventos anteriores, principalmente do terceiro Seminário, onde foram focadas as unidades de conservação, parte fundamental dos produtos turísticos e do cotidiano regional.” (COMDIAL/CEDS, 2010).

Neste seminário as apresentações foram comentadas por um moderador local e pela pesquisadora Alicia Tagliorette, Coordenadora de Turismo Responsável da Fundação Patagônia Natural (Argentina), com base em sua experiência sobre o desenvolvimento territorial de importante área costeira da Patagônia Argentina.

Convênio:



Na etapa do pós-evento do seminário citado, foi elaborado um Relatório Final contemplando uma síntese sobre o estado atual e sobre o potencial do turismo sustentável no Litoral Norte do Estado de São Paulo, desta maneira foi dado o primeiro passo no contexto do COMDIAL, rumo ao apoio na formulação de ações públicas e privadas para a construção de um modelo de desenvolvimento turístico mais sustentável para o litoral norte paulista.

No último dia do referido seminário, 29 de agosto de 2009, também foi realizada a aula inaugural da primeira turma do MBA Negócios da Sustentabilidade: ambiente, cultura e turismo pela UniSantos, através do CEDS/LN, com cerca de 100 alunos, dos quatro municípios do litoral norte, estudando com 100% de bolsa patrocinadas pelo convênio. A primeira turma se formou ao final de 2010 e a segunda foi iniciada em agosto de 2011. E vale destacar que este MBA contém um módulo de 72 horas sobre Turismo Sustentável.

No aditivo do referido Convênio 2010/2012 temos:

“[...] 4.7.1. O Diálogo para a Sustentabilidade poderá indicar temas específicos para os quais será requerido esforço de formação. Preliminarmente, podem ser indicados temas que compõem o campo de interesse para a programação de formação do CEDS/LN (Oficinas e cursos modulares) [...]”

Em reunião do COMDIAL, de 17 de setembro de 2010, foi deliberado que o tema turismo sustentável seria o tema orientador do Convênio, conforme relato abaixo:

“A proposta, que vem sendo discutida na Coordenação e com as ONGs nas reuniões sobre o plano de ação, é que o turismo sustentável seja um tema orientador geral para as discussões e para as ações, no período 2010/2012.

Trata-se de tema com potencial para convergir posicionamentos dos participantes do processo de Diálogo, facilitando a estruturação e ampliação de uma coalizão que exerça influência positiva no contexto mais amplo dos conflitos socioambientais na região. Nos debates promovidos na primeira rodada do convênio, o tema emergiu como estratégico, não apenas no seminário específico, mas também no panorama de fortalecimento e investimentos nas unidades de conservação.”

Em 18 de outubro de 2011 foi realizada a primeira de oito oficinas previstas no segundo biênio deste convênio com o objetivo de iniciar um processo participativo para a elaboração de Diretrizes do “Programa de Apoio ao desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte –SP”.

A primeira oficina foi realizada das 9h00 às 17h00, na FAZENDA SANTANA, situada em São Sebastião: Rod. Doutor Manuel Hipólito Rego, nº 1579 (Rod. Rio Santos – Bairro Pontal da Cruz).

No primeiro quadro temos a programação prevista e no segundo a programação efetivamente realizada. A ordem de explanação foi alterada devido a compromissos de alguns palestrantes e debatedores, entretanto, não deixaram de contribuir neste evento e se comprometeram a participar de todo o processo de planejamento participativo iniciado nesta primeira oficina.

Quadro 1. Programação prevista da Oficina para elaboração de Diretrizes do “Programa de Apoio ao desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte –SP”

Programação - Manhã

9:00h às 9:15h – Abertura

Msc. Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)

Marcos Vinicius de Mello (Gerente Setorial de Meio Ambiente/UO-BS - SMS/MA/ Petrobras)

Edson Lobato (Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP)

Maria Anita Bueno (Secretária de Cultura e Turismo de São Sebastião)

9:15h às 9:45h – As Unidades de Conservação e as novas perspectivas para o turismo sustentável

Ana Carolina de Campos Honora (Gerente de Conservação Ambiental/ Fundação Florestal/SMA-SP)

Carolina Lobo (Gerente de Ecoturismo/ Fundação Florestal/ SMA-SP)

9:45h às 10:00h - Apresentação da Proposta do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável no Litoral Norte de São Paulo

Dra. Patricia Ortiz (coordenadora da oficina, Dra. Ciências Ambientais/UNITAU)

10:00h às 12:00h – Discussão Participativa sobre as Diretrizes de TS para o Litoral Norte /SP

10:00h às 10:45h - Palestrante e Debatedor 1: Vanilson Fickert (Diretor Técnico/Secretaria de Turismo de Estado de São Paulo)

10:45h às 11:00h Debatedora 2: Maria Ines Ferreira (Empresária, representante de Ilhabela no Circuito Turístico do LN/membro do Conselho Gestor do PEIB)

11:00h às 11:15h- Debatedora 3: Maria Anita Bueno (Secretaria de Cultura e Turismo de São Sebastião)

11:15h às 12:00h - Palestrante e Debatedor 4: Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)

Programação – Tarde

14:00 às 15:00h - Discussão sobre o **Plano de Comunicação** do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP

Participação de Ana Celina Tiburcio (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, Especialista em Negócios da Sustentabilidade - CEDS).

15:00h às 16:00h - Discussão sobre **Marca/Conceito** do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP

Participação de Giuliano Cesar Vieira Silva (Bacharel em Comunicação, Especialista em Negócios da Sustentabilidade - CEDS).

16:00h às 16:45h – **Plenária final e Agenda** para as próximas oficinas.

16:45h às 17:00h - **Encerramento**

Quadro 2. Programação realizada na Oficina para elaboração de Diretrizes do “Programa de Apoio ao desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte –SP”

Programação – Manhã (das 9:15 às 12:15h)

Abertura

Msc.Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)

Marcos Vinicius de Mello (Gerente Setorial de Meio Ambiente/UO-BS - SMS/MA/ Petrobras).

Discussão Participativa sobre as Diretrizes de TS para o Litoral Norte /SP

Palestrante: Vanilson Fickert (Diretor Técnico/Secretaria de Turismo de Estado de São Paulo)

Continuidade a Abertura

Edson Lobato (Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP)

Eduardo Hipólito do Rego (Secretário de Meio Ambiente de São Sebastião)

As Unidades de Conservação e as novas perspectivas para o turismo sustentável

Ana Carolina de Campos Honora (Gerente de Conservação Ambiental/ Fundação Florestal/SMA-SP)

Apresentação da Proposta do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável no Litoral Norte de São Paulo

Dra. Patricia Ortiz (coordenadora da oficina, Dra. Ciências Ambientais/UNITAU)

Edson Lobato (Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP)

Carlos Zacchi (Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo Caraguatatuba)

Msc.Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)

Discussão Participativa sobre as Diretrizes de TS para o Litoral Norte /SP

Debatedora: Maria Ines Ferreira (Empresária, representante de Ilhabela no Circuito Turístico do LN/membro do Conselho Gestor do PEIB)

Palestrante e Debatedor: Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)

Programação – Tarde (das 14:00 às 17h00)

Discussão Participativa sobre as Diretrizes de TS para o Litoral Norte /SP

Msc.Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)

Palestrante e Debatedor: Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)

Discussão sobre o **Plano de Comunicação** do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP

Participação de Ana Celina Tiburcio (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, Especialista em Negócios da Sustentabilidade - CEDS).

Discussão sobre **Marca/Conceito** do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP

Propostas desenvolvidas por Giuliano Cesar Vieira Silva (Bacharel em Comunicação, Especialista em Negócios da Sustentabilidade - CEDS) apresentadas no evento pelo Msc. Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)

Discussão Participativa sobre as Diretrizes de TS para o Litoral Norte /SP

Maria Anita Bueno (Secretária de Cultura e Turismo de São Sebastião)

Edson Lobato (Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP)

Plenária final e Agenda para as próximas oficinas.

Encerramento

Sumário

1. Introdução Conceitual: Turismo Sustentável.

2. Descrição das contribuições feitas pelos convidados da Oficina

2.1. Abertura do evento

2.1.1. Marcos Vinicius de Mello - Gerente Setorial de Meio Ambiente/UO-BS - SMS/MA/ Petrobras

2.1.2. Edson Lobato - Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP

2.1.3. Eduardo Hipólito Rego – Secretário de Meio Ambiente de São Sebastião

2.2. As Unidades de Conservação e as novas perspectivas para o turismo sustentável. Palestrante: Ana Carolina de Campos Honora - Gerente de Conservação Ambiental/ Fundação Florestal/SMA-SP

2.3. Apresentação da Proposta do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável no Litoral Norte de São Paulo.

2.3.2. Dra. Patricia Ortiz - coordenadora da oficina, Dra. Ciências Ambientais/UNITAU.

2.3.3. Edson Lobato - Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP

2.3.4. Carlos Zacchi - Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo Caraguatatuba/ FF/SMA-SP

2.3.5. Msc.Paul Dale - mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP

2.4. Discussão Participativa sobre as Diretrizes de TS para o Litoral Norte /SP.

2.4.2. Debatedora: Maria Ines Ferreira - Empresária, representante de Ilhabela no Circuito Turístico do LN/membro do Conselho Gestor do PEIB

2.4.3. Palestrante e Debatedor: Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)

2.4.4. Maria Anita Bueno (Secretária de Cultura e Turismo de São Sebastião)

3. Plano de Comunicação do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP. Ana Celina Tiburcio - Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, Especialista em Negócios da Sustentabilidade - CEDS.

4. Marca/Conceito do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP de Giuliano Cesar Vieira Silva - Bacharel em Comunicação, Especialista em Negócios da Sustentabilidade - CEDS, apresentada pelo Msc.Paul Dale.

5. Contribuições feitas pelos participantes da Oficina na Plenária

6. Tabulação dos questionários de avaliação da Oficina

Considerações Finais

Bibliografia

Anexos

Introdução Conceitual

Atualmente o termo “turismo sustentável” vem sendo mencionado repetidas vezes em eventos acadêmicos, artigos científicos, reuniões de empresários do setor, reuniões de entidades associativas, em discursos políticos, em justificativas de projetos do terceiro setor. E o que todos estes atores sociais estão buscando?

Buscam um modelo de desenvolvimento da atividade turística, que para alguns parece utópico e para outros é possível através do planejamento da atividade turística. Um modelo de desenvolvimento que concilie crescimento econômico através da atividade turística, com equidade social e conservação de recursos ambientais e culturais.

Pearce (1987 apud COMDIAL/CEDS, 2010) define o desenvolvimento sustentável da atividade turística como sendo:

“a maximização e otimização da distribuição dos benefícios do desenvolvimento econômico baseado no estabelecimento e na consolidação das condições de segurança sob as quais são oferecidos os serviços turísticos, para que os recursos naturais sejam mantidos, restaurados e melhorados”.

A reflexão acerca da possibilidade de desenvolvimento da atividade turística de forma sustentável é iniciada após inúmeros encontros históricos de estudiosos preocupados com o futuro do planeta que discutiam sobre o “desenvolvimento sustentável”.

“As últimas décadas vêm testemunhando a consolidação da importância da sustentabilidade em turismo. O termo turismo sustentável é derivado do conceito mais geral – de “desenvolvimento sustentável”. A difusão do termo desenvolvimento sustentável se deu a partir de 1987, com o Relatório da Comissão Mundial de Ambiente e Desenvolvimento intitulado Nosso Futuro Comum (também conhecido como o Relatório Brundtland), onde o termo foi primeiro usado para trazer juntos os conceitos aparentemente discrepantes de desenvolvimento econômico e conservação ambiental. A visão apresentada pelo Relatório Brundtland era do desenvolvimento econômico que não estava preocupado simplesmente em atingir o crescimento econômico máximo (i.e. procurando apenas eficiência econômica), mas também permitir a equidade das gerações atuais com as gerações futuras.” (COMDIAL/CEDS, 2010).

De acordo com o Programa de Meio Ambiente para as Nações Unidas:

Desenvolvimento do Turismo sustentável satisfaz as necessidades dos turistas e das regiões hospedeiras, protegendo e melhorando as oportunidades para o futuro. Visando o ordenamento de todos os recursos de forma que as necessidades econômicas, sociais e estéticas possam ser satisfeitas, ao mesmo tempo em que se mantém a integridade cultural, processos ecológicos, diversidade biológica e sistemas de apoio da vida (UNEP – Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas – Turismo apud SCHÄRER, 2003, p.328).

Cardoso (2005, p. 35) faz algumas considerações:

O Relatório *Brundtland*, como é mais conhecido, foi bem aceito pela comunidade internacional, pois, ao contrário dos documentos anteriores, não apresenta críticas à sociedade industrial.

Outro destaque do Relatório refere-se à passagem do conceito à ação. Nessa trajetória, apesar de assinalar que o objetivo das ações deva ser global, sugere que a solução deve ser elaborada por cada país individualmente, uma vez que os sistemas econômicos e sociais são muito diferentes.

Como resposta às provocações feitas pelo Relatório *Brundtland* surgiu uma série de ações dentre as quais destacamos os “*Earth Summits*” – que em 1992 aconteceu no Rio de Janeiro; e em 2002, em Johannesburg, África do Sul – e a elaboração da “Agenda 21”.

E em breve teremos a RIO+20 entre os Earth Summits que ocorrerá em junho de 2012, na capital do Rio de Janeiro. Trata-se da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável.

Atualmente temos várias definições de turismo sustentável, conforme podemos observar no quadro a seguir.

Figura 3. Definições de Turismo Sustentável da Literatura

“Turismo sustentável é uma abordagem positiva que tem como objetivo reduzir as tensões e atritos criados pela complexa interação entre a indústria do turismo, o meio ambiente e as comunidades receptoras ... uma abordagem que envolve um trabalho para a viabilidade e qualidade de recursos naturais e humanos no longo prazo.” (BRAMWELL e LANE, 1993, p.2)

“(Turismo sustentável envolve) buscar uma relação mais produtiva e harmoniosa entre o visitante, a comunidade receptora e o lugar (e desse modo alcançando) uma situação que pode ser mantida sem esgotar os recursos, enganar o visitante ou explorar a população local.” (English Tourist Board, 1991, p.15)

<p><i>“O desenvolvimento do turismo sustentável pode ser imaginado como atendimento das necessidades dos turistas de hoje e das comunidades receptoras, ao mesmo tempo protegendo e aumentando as oportunidades futuras ... levando ao gerenciamento de todos os recursos de tal forma que possa atender às necessidades econômicas, sociais e estéticas enquanto mantém a integridade cultural, processos ecológicos essenciais, diversidade biológica e suporte aos sistemas que garantem a vida.” (INSKEEP, 1991, p. 461) e (OMT, 2003, p.24)</i></p>
<p><i>“Para ser sustentável (o turismo) requer o estabelecimento de uma indústria que inclua considerações dos efeitos da atividade econômica no longo prazo em relação aos recursos e, ainda, preocupação com as necessidades desta e das futuras gerações.” (CURRY e MORVARIDI, 1992, p. 131)</i></p>
<p><i>“O turismo sustentável depende de: (a) atender as necessidades da população local no sentido de melhora a qualidade de vida no curto e longo prazo, (b) satisfazer a demanda do crescente número de turistas e continuar a atraí-los e (c) salvaguardar o meio-ambiente para alcançar os dois objetivos anteriores.” (CATER e GOODALL, 1992, p. 318)</i></p>
<p><i>“No caso da indústria do turismo, o desenvolvimento econômico possui um significado muito específico – o desafio da indústria é de desenvolver a capacidade turística e a qualidade dos produtos sem afetar colateralmente os ambientes físicos e humanos que os mantêm”. (CRONIN, 1990, p. 13)</i></p>
<p><i>“O conceito de sustentabilidade é central para a reafirmação do papel do turismo na sociedade. Ele exige uma visão da atividade econômica de longo prazo, questiona o imperativo de crescimento econômico continuado e garante que o consumo do turismo não excederá a capacidade das destinações receptoras de atender aos turistas futuros” (ARCHER e COOPER, 1994, p. 87)</i></p>
<p><i>“O turismo [...] é dependente de um determinado estoque de atributos naturais, construídos e sócio-culturais ... para buscar o desenvolvimento sustentável destes recursos eles precisam ser gerenciados de forma a permitir que as necessidades econômicas da indústria e a necessidade experiencial dos turistas sejam atendidas ao mesmo tempo que mantém a integridade cultural, preserva e aumenta a diversidade biológica e mantém os sistemas que garantem a vida.” (HARRIS e LEIPER, 1995)</i></p>
<p><i>“Formas de turismo que satisfaçam hoje as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as suas próprias necessidades.” (SWARBROOKE, 2002, V.I, p. 19)</i></p>

“... turismo que é viável do ponto de vista econômico e social e não desvaloriza o ambiente nem a cultura local. Significa sucesso comercial e econômico; contenção, preservação e desenvolvimento ambiental; e responsabilidade para com a sociedade e os valores culturais, isto é, três aspectos interdependentes.” (CCE, 2003, p.6)

“... é aquele que mantém e, onde possível, valoriza as características dos recursos naturais e culturais nos destinos, sustentando-as para as futuras gerações de comunidades, visitantes e empresários.” (WWF, 2003, p.23)

Fonte: Adaptado de GARROD e FYALL apud CARDOSO (2005, p. 51)

Apesar das inúmeras definições atualmente utilizadas, vale destacar a da OMT que é referência, em escala global.

Turismo Sustentável foi definido pela OMT, em 1995, como:

"aquele ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, assim como ética e socialmente equitativo para as comunidades locais. Exige integração ao meio ambiente natural, cultural e humano, respeitando a frágil balança que caracteriza muitas destinações turísticas, em particular pequenas ilhas e áreas ambientalmente sensíveis".

Entorno das reflexões acerca deste desafio que é desenvolver a atividade turística de forma sustentável, a definição de princípios para esta atividade se faz necessária para nortear planos de ação.

Como princípios do turismo sustentável (TOURISM CONCERN, 1992 apud FENNELL, 2002, p. 33) temos:

1. Usar os recursos de forma sustentável

“A conservação e o uso sustentável dos recursos – naturais, sociais e culturais – é crucial, e garante os negócios a longo prazo”.

2. Reduzir o consumo exagerado e o desperdício

“A redução do consumo exagerado e do desperdício evita o custo da recuperação do meio ambiente, danificado ao longo do tempo, e contribui para a boa qualidade do turismo”.

3. Manter a diversidade

“Manter e promover a diversidade natural, social e cultural é essencial para o turismo sustentável de longo prazo, e cria uma base resiliente para a indústria do turismo”.

4. Integrar o turismo ao planejamento

“O empreendimento turístico integrado num contexto de planejamento estratégico, nacional e local [...]” e submetido à AIA (Avaliação de Impacto Ambiental) ¹ “[...] aumenta a viabilidade a longo prazo do turismo”.

5. Apoiar as economias locais

“O turismo que apóia uma ampla série de atividades econômicas locais e que leva em conta os custos/valores ambientais, protege essas economias e evita danos ao meio ambiente”.

6. Envolver as comunidades locais

“O envolvimento total das comunidades locais no setor do turismo não só traz benefícios a elas e ao meio ambiente em geral, mas também melhora a qualidade da experiência do turismo”.

7. Consultar os investidores e o público

“As consultas a investidores, comunidades locais, organizações e instituições são essenciais se todos quiserem trabalhar juntos e conciliar interesses potencialmente conflitantes”.

8. Treinar equipes

“O treinamento de equipes que integram o turismo sustentável, além do recrutamento de pessoal local em todos os níveis melhora a qualidade do produto do turismo”.

9. Fazer o marketing

“O *marketing* que fornece informações completas e responsáveis aumenta o respeito dos turistas pelo meio ambiente natural, social e cultural das áreas de destino, e aumenta a satisfação dos clientes”.

10. Realizar pesquisas

¹ Na citação original o autor cita: EIAs (Estudos de Impacto Ambiental) ao invés de AIA (Avaliação de Impacto Ambiental).

“A pesquisa continua e o monitoramento pela indústria do turismo, coletando e analisando dados, é essencial para a resolução de problemas, além de trazer benefícios às localidades de destino, à indústria do turismo e a seus consumidores”.

A oficina para elaboração de Diretrizes para o “Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte-SP” é uma iniciativa que considera os princípios citados anteriormente. Destacando o princípio de **integrar o turismo ao planejamento**, já que o produto final é um plano de ação que deverá nortear a região rumo ao desenvolvimento da atividade turística de forma sustentável e o de **envolver as comunidades locais**, pois estas deverão estar presentes nas oficinas propostas e participar deste processo de planejamento participativo.

2. Descrição das contribuições feitas pelos convidados da Oficina

2.1. Abertura do evento

2.1.1. Marcos Vinicius de Mello - Gerente Setorial de Meio Ambiente/UO-BS - SMS/MA/ Petrobras

O representante da Petrobras no evento, Sr. Marcos Vinicius de Mello, apresenta o COMDIAL – Comitê de Diálogo do Litoral Norte criado a partir do convênio firmado entre a Petrobras, as ONGs ambientalistas do Colegiado Real Norte e a UniSantos.

Em sua explanação, Marcos comenta a respeito da Petrobras da década de 80 e a Petrobras dos dias atuais, destacando sua melhoria no Sistema de Gestão Operacional, diminuindo assim o número de incidentes no Terminal e que tem inclusive sido modelo para outras regiões do país.

Marcos relata sobre os esforços em prol da discussão dos Pilares da Avaliação Ambiental Estratégica, ou seja, a discussão a respeito do que queremos para esta região, e tem ficado clara a vocação da região para o turismo.

2.1.2. Edson Lobato - Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP

Edson Lobato agradece a presença dos gestores de unidades de conservação da região presentes no evento, como: Lucila Pisard Viana da APA Marinha do Litoral Norte, Carlos Zacchi do Núcleo Caraguatatuba do PESH; André Martins do Núcleo Picinguaba do PESH; Tasso Drumond PE da Ilha Anchieta; Kelen Leite da OSEC Tupinambás e a Ana Carolina Honora gerente de conservação ambiental da Fundação Florestal.

O palestrante acrescenta que entre a primeira e a oitava oficina mais que a discussão das diretrizes para um turismo sustentável, o que se pretende é um grande acordo, que se consiga com o “processo desenvolver, alavancar atividades, discutir estratégias” para de fato seja definido algum produto, algumas atividades para serem já trabalhadas.

Edson Lobato (Fredê) continua comentando que na segunda oficina iremos discutir o nivelamento das informações, em seguida vamos eleger produtos, discutir certificação, estratégias de marketing, muitas dessas oficinas serão o

início de processos, mas ao final, na oitava oficina, teremos que olhar pra trás e ver que avançamos. Fredê ainda acrescenta que temos exemplos como Bonito e Brotas que podem ser referências para este trabalho.

Fredê coloca que estaremos trabalhando na perspectiva da Copa de 2014, nas Olimpíadas de 2016, que são oportunidades, mas também estamos sofrendo uma pressão de grandes investimentos destinados para o litoral norte, “na ordem de bilhões”, de economias não sustentáveis (do óleo, do gás, do porto) que, no entanto, são importantes para o Brasil e inclusive para o turismo. Mas neste contexto temos um grande desafio “nos valermos dessas economias pra alavancar as economias criativas, as economias sustentáveis”.

Diante deste patrimônio ambiental e cultural que a região possui temos que trabalhar com o turismo sustentável. Há esforços em prol deste objetivo, temos muitos investimentos que o Estado vem fazendo, os marcos regulatórios, ou seja, o processo está sendo organizado e agora outros atores sociais precisam se unir a este trabalho.

Fredê, também agradece a presença dos representantes das comunidades tradicionais que vieram de Ubatuba, representantes do Montão de Trigo, em São Sebastião, e destaca a importância de trabalhar de forma conjunta, no caso de elegermos produtos do Turismo de Base Comunitária.

2.1.3. Eduardo Hipólito Rego – Secretário de Meio Ambiente de São Sebastião

Eduardo Hipólito dá as boas vindas aos presentes, destaca algumas participações como funcionários da Secretaria do Meio Ambiente e Secretaria de Cultura e Turismo de São Sebastião, professores da FATEC, ex alunos do MBA Negócios da Sustentabilidade e alunos que estão cursando na atual turma deste MBA, gestores das UCs, colaboradores do CEDS, da UniSantos, da Petrobras e das ONGs, formando “uma grande concertação, uma atmosfera muito favorável”, uma grande oportunidade pra “fazer algo acontecer”.

Eduardo ainda acrescenta que ele e outros colegas (Fredê, Paty, Paul, entre outros) pregam nas aulas do MBA a questão da sustentabilidade, trabalhamos para “descobrir ou redescobrir” algo que as pessoas falam muito, “qualquer

anúncio de televisão fala em sustentabilidade hoje, qualquer banco tem sustentabilidade, qualquer posto de gasolina tem sustentabilidade”, mas que a gente muitas vezes não consegue enxergar de verdade.

Ainda afirma que neste evento temos uma “pluriaudiência, ultraplural” que é capaz de construir. O mesmo reafirma as palavras do Fredê em relação à grande ameaça que a região sofre.

Eduardo ressalta que temos uma grande chance de termos daqui a alguns anos, um viaduto passando bem atrás da Fazenda Santana, local de realização do evento.

Vale ser inserido na íntegra um trecho da fala de Eduardo Hipólito que descreve com o exemplo da Fazenda Santana a ameaça que a nossa região sofre quando fala que a fazenda:

“compõe um trecho que vai do salgado as vertentes, desde 1740, que é o documento mais velho que tem aqui da Fazenda, que foi construída com pedra, cal de concha e óleo de baleia e que tem aí pra traz um bocado de ruínas e aí pra traz uma grande área de manancial de serra sem nenhuma favelização e é onde provavelmente vai vir uma estaca para um grande viaduto passar uma estrada, então a gente tem aí um desafio enorme pela frente e pra isto a gente conta com vocês [...]”

2.2. As Unidades de Conservação e as novas perspectivas para o turismo sustentável. Palestrante: Ana Carolina de Campos Honora - Gerente de Conservação Ambiental/ Fundação Florestal/SMA-SP

Carolina Honora, gerente de conservação ambiental da Fundação Florestal, está também representando a Carolina Lobo, gerente de Ecoturismo do mesmo órgão.

A palestrante traça um breve histórico das transformações na estrutura organizacional da instituição, destacando que no final de 2006 as unidades passaram do Instituto Florestal para a Fundação Florestal e simultaneamente existia o projeto do BID² Ecoturismo da Secretaria do Meio Ambiente, nesta época toda a unidade executora deste projeto ficava na Secretaria do Meio Ambiente e aproximadamente após um ano esta unidade executora passou

² BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento.

para a Fundação Florestal e aproximadamente após seis meses foi criada uma gerência de ecoturismo, que é a única gerência temática do órgão.

Carolina ainda esclarece que a Fundação é dividida em duas diretorias uma que cuida das unidades de proteção integral e outra que cuida das unidades de uso sustentável.

A diretoria de operações tem uma divisão territorial, existem quatro gerências regionais:

1. Serra do Mar, litoral Norte, Litoral Centro e Mantiqueira;
2. Litoral Sul e Vale do Ribeira;
3. Região Metropolitana de São Paulo;
4. Todas as unidades do interior paulista.

Embora a única UC³ da região contemplada pelo BID Ecoturismo seja o PE de Ilhabela, como a responsável pela gerência de Ecoturismo da FF⁴, a Carolina Lobo, também é responsável em executar o BID Ecoturismo, que abrange apenas seis parques, as propostas do projeto foram replicadas para algumas das demais UCs.

Foram doados 15 exemplares do livro de Ecoturismo da Fundação Florestal para serem distribuídos às entidades participantes do evento.

Dentre as propostas desenvolvidas no BID Ecoturismo que foram replicadas a outras unidades, podemos citar:

- Programa de Voluntariado – que virou uma portaria da Fundação Florestal, ou seja, foi institucionalizado, se estendendo, portanto para as demais UCs;
- Planos de Manejo – as UCs que não tinham Plano de Manejo tinham que contar com um Plano Emergencial de Uso Público. Estes planos eram elaborados pelos gestores, passavam por uma análise da

³ UC – abreviação de unidade de conservação.

⁴ FF, abreviação de Fundação Florestal, órgão vinculado à Secretaria de Meio Ambiente de Estado de São Paulo.

gerência de ecoturismo, algumas adaptações eram feitas para uniformizar as atividades enquanto instituição, considerando que as unidades fazem parte de um mesmo sistema estadual. Carolina destaca que no litoral norte a elaboração do Plano de Manejo do PE de Ilhabela já está em fase de conclusão e o PE da Ilha Anchieta está iniciando o seu, mas já conta com um Plano Emergencial de Uso Público.

E dentre as ações que foram aplicadas apenas nas unidades do BID Ecoturismo temos:

- Planos de Contingências e Riscos – Apesar de terem sido aplicados apenas nas UCs do BID Ecoturismo, existe a metodologia e o procedimento montado, sendo facilmente replicado.
- Política Tarifária – um estudo feito para as seis unidades, mas utilizado também para as demais unidades que cobram entrada, na região temos apenas o PE da Ilha Anchieta.
- Publicações (disponíveis no site da instituição):
 - ✓ Passaporte Trilhas de São Paulo - não há nenhuma trilha do município de São Sebastião, mas já está sendo previsto um novo Passaporte, pois esta não é uma demanda apenas de São Sebastião.
 - ✓ Passaporte dos Roteiros de Mergulho – que abrange algumas unidades do litoral norte.
 - ✓ Manual de Construção e Manutenção de Trilhas – que está disponível apenas na internet, pois a versão impressa já foi esgotada.
 - ✓ Manual de Monitoramento e Gestão de Impactos da Visitação.

Carolina acrescenta outras iniciativas de destaque da FF com alguns parceiros, a respeito desta região como:

- Implantação do Centro Cambucá de observação de aves, em Picinguaba

- A elaboração do Guia de Aves da Mata Atlântica, através de uma parceria da FF com WWF⁵.

Dia 06 de outubro deste ano foi assinado o Decreto 57.401 que define o Programa de Parcerias para as unidades de conservação. Carolina esclarece que a Fundação Florestal administra áreas que são próprias do Estado de São Paulo, portanto, a fundação é um órgão de administração indireta, ou seja, as unidades apesar de serem administradas pela fundação, não são patrimônio da FF, portanto, a FF não conseguia permitir o uso que não fosse de forma precária ou fazer concessões. Com o decreto dependendo do bem ou do serviço vai ser formalizado através de um instrumento específico, podendo ser: autorização, permissão ou concessão e ainda contempla a possibilidade da FF receber doações.

Carolina cita o primeiro inciso dos objetivos do referido decreto que diz: “Assegurar a participação das populações locais e de organizações privadas”. A FF enxerga que este programa deva ser um instrumento de desenvolvimento regional e que não se trata de uma simples terceirização, a FF acredita que abrindo as unidades ganha parceiros na conservação.

Destacando questões mais específicas acerca do litoral norte, Carolina cita o convênio entre a FF e a Petrobras de R\$25 milhões, que será executado dentro de poucas semanas. Para a região da intermediária e da Limeira a proposta é construir um pólo de recepção de visitantes, contemplando uma estrutura para recepção de pesquisadores, alojamentos, centro de visitantes, base de proteção, refeitório, sanitários e guaritas. Este convênio não abrange apenas esta região, mas também a região do Núcleo Itatinga-Pilões em Cubatão e algumas estruturas em São Bernardo do Campo.

Carolina cita ainda o Plano de Identidade Visual elaborado no Projeto BID Ecoturismo apresenta propostas desde papel timbrado, ingressos, uniformes de equipe, sinalização e até cenários de centros de visitantes.

A palestrante também relata sobre outro contrato da Fundação Florestal, o “BID Serra do Mar”, abrangendo o PESH e o mosaico de ilhas e áreas marinhas protegidas. O contrato inclui um levantamento diagnóstico, elaboração de projetos executivos, elaboração de planos de contingências e risco para 120 km de trilhas

⁵ Sigla WWF significa World Wildlife Fund, em português Fundo Mundial para a Natureza.

do PESM. O referido contrato tem uma previsão de término em dezembro de 2011 e ao ser finalizado a empresa contratada entregará todos os projetos de implantação destes 120 km de trilha, desta forma temos então uma perspectiva de no próximo ano já fazer as licitações, pois o próprio BID possui o recurso para implantação dessas trilhas. Na região do litoral norte este contrato inclui: a Praia Brava, Cachoeira de Itu, Sítio Arqueológico e algumas trilhas de Picinguaba. As trilhas do PE da Ilhabela não foram contempladas, pois esta unidade já tinha recebido os recursos do BID Ecoturismo e o Projeto piloto do BID de Ecoturismo de Sinalização.

O contrato do BID Serra do Mar prevê uma capacitação de monitores ambientais, das equipes e de conselheiros e que provavelmente no início do próximo ano também estará em processo de licitação.

Carolina cita outras iniciativas de outras regiões, como em Itanhaém, o projeto em parceria com a ONG Ecosurf, de desenvolvimento de um pólo ecoturístico na zona de amortecimento.

Carolina acrescenta que a FF está em passando por um processo de reorganização para uma maior regionalização, a proposta é da atuação em cinco diretorias regionais. Esta mudança está sendo discutida neste primeiro momento nas regiões, depois será discutida em São Paulo. Com a mudança as decisões relacionadas à execução passarão a ser tomadas nas diretorias regionais e não apenas em São Paulo como ocorre atualmente.

Para finalizar sua explanação, Carolina relata sobre a importância de iniciativas como esta do CEDS, e coloca que a FF está de portas abertas para colaborar com os projetos da região, se forem necessário recursos, trabalharão nesta captação, se precisar de definição política também e destaca que para isto as propostas precisam ser encaminhadas e bem fundamentadas.

2.3. Apresentação da Proposta do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável no Litoral Norte de São Paulo.

2.3.1. Dra. Patricia Ortiz - coordenadora da oficina, Dra. Ciências Ambientais/UNITAU.

Patricia Ortiz, coordenadora da oficina, inicia sua fala esclarecendo que esta proposta do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável no Litoral Norte de São Paulo é o início de um processo que além da equipe do CEDS, já contou com a participação dos gestores das UCs do litoral norte.

Inicialmente a coordenadora destaca que mais de 80% do território do litoral norte é protegido por Unidades de Conservação, motivo pelo qual é importante trabalharmos com segmentos do turismo sustentável que a gente possa atuar neste território protegido.

Outra questão abordada é que o segmento do turismo predominante na região é o Turismo Sol, Mar e Praia e o de segunda residência.

Patricia acrescenta que a “região vem recebendo investimentos para o desenvolvimento de atividades econômicas, que demandam complexo esforço de integração com a atividade turística (sustentável).”

A coordenadora da oficina relembra a plenária sobre os diferentes investimentos previstos para a região, como: o Pré-Sal, a duplicação da Rodovia Tamoios e a ampliação do Porto de São Sebastião e ainda enfatiza a importância de fortalecer o turismo na região como contraponto a estes investimentos, trabalhando inclusive em parceria com estes grandes investimentos.

E coloca que a região está preparada para discutir o turismo sustentável, por meio do CEDS já foram realizados dois seminários, um especificamente desta temática, turismo sustentável e um outro sobre Unidades de Conservação. A região conta também com o Circuito Turístico do Litoral Norte gerenciado pelo SEBRAE e com todos os atores da região participando e Ilhabela é município indutor pelo Ministério do Turismo.

A coordenadora apresenta os grandes temas do aditivo do Convênio de Cooperação Técnica e de Promoção do Diálogo 2010/2012:

“VI. Turismo Sustentável. Ecoturismo: projetos e gestão. Unidades de Conservação e Programas de Turismo. Turismo Náutico. Hidrovias.

XI. Certificação de Qualidade Ambiental. ISO 14000. Produtos Florestais. Turismo certificado. Certificação de qualidade na pesca. Bandeira Azul: praias, marinas e barcos de recreio.”

Foi elaborado um Plano de Ação com vários atores sociais como: ambientalistas, representantes da Petrobras, da UniSantos e outras pessoas da região. Neste Plano há duas linhas de ação:

- ✓ “Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável;
- ✓ Maior participação da sociedade nas Unidades de Conservação do Litoral Norte do Estado de São Paulo”.

Foram trabalhadas estas duas temáticas juntas, pois no contexto desta segunda linha de ação “maior participação da sociedade”, a coordenadora da oficina acrescenta que o turismo é sempre um mobilizador.

Em seguida, alguns itens do Plano de Ação CEDS 2010-2012 foram apresentados, como as ações previstas:

- ✓ “Estruturar programas municipais e regionais;
- ✓ Articular com os planos de manejo das UCs;
- ✓ Capacitar os atores - Governo / Negócios / Terceiro Setor;
- ✓ Desenvolver o Capital Social do Turismo (todos os prestadores de serviços);
- ✓ Criar Oficinas de Turismo direcionadas para o Poder Público + Trade Turístico;
- ✓ Criar identidade (conceito e imagem) para o Turismo Sustentável;
- ✓ Articular Plano de Comunicação; e
- ✓ Promover a certificação de produtos e serviços em turismo.”

Como objetivo geral temos:

“Instrumentalizar a região para as etapas iniciais de implementação do “Programa de Turismo Sustentável no Litoral Norte paulista”, dando destaque especial aos produtos e serviços vinculados ao mosaico das unidades de conservação.”

Patricia ainda esclarece que mosaico, neste caso, entende-se por um território formado por uma série de unidades de conservação.

E como público-alvo:

“Participação do poder público local, das unidades de conservação, das comunidades tradicionais, das entidades da sociedade civil, estudantes e representantes das instituições de ensino e pesquisa, e do trade turístico atuante na região.”

Os objetivos de cada oficina prevista também foram apresentados.

Os objetivos da 1ª Oficina para elaboração de Diretrizes para o “Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte – SP”:

- ✓ “Discutir participativamente diretrizes de TS⁶ para o LN-SP;
- ✓ Apresentar o esboço do Plano de Comunicação do Programa de TS;
- ✓ Apresentar três propostas preliminares para criação de identidade do Programa (conceito e imagem).”

Resultados esperados:

- ✓ “Diretrizes do Programa de Turismo Sustentável do LN;
- ✓ Base para criação de Indicadores de TS para a região;
- ✓ Insumos iniciais para elaboração de identidade do Programa;
- ✓ Base inicial para a criação de um Plano de Comunicação.”

Os objetivos da 2ª Oficina “Conceitos em Turismo Sustentável”:

- ✓ “Nivelar conceitos de Turismo Sustentável para diferentes públicos com base em experiências;
- ✓ Apresentar a versão final das diretrizes.”
- ✓ A segunda oficina está prevista para novembro de 2011.

Os objetivos da 3ª Oficina “Seleção participativa de produtos regionais”:

- ✓ “Identificar, analisar e selecionar produtos e atrativos potenciais;
- ✓ Segmentos: observação de aves, ecoturismo, turismo náutico, turismo de aventura, turismo de base comunitária, turismo cultural.”

Objetivos da 4ª Oficina “Valoração Ambiental”:

- ✓ “Sensibilizar sobre o valor econômico da paisagem e da biodiversidade;
- ✓ Discutir ferramentas para viabilização de produtos relacionados à conservação da biodiversidade.”

Objetivos da 5ª Oficina “Certificação Ambiental”:

- ✓ “Selecionar critérios para certificação de produtos e serviços;

⁶ TS – abreviação do termo Turismo Sustentável.

- ✓ Construir identidade regional/local dos produtos por meio da construção de uma marca;
- ✓ Reapresentação das marcas/conceitos.”

Objetivo da 6ª Oficina “Turismo Sustentável e experiências exitosas”: “apresentar experiências exitosas de Turismo Sustentável que envolva parcerias entre diferentes setores.”

Objetivos da 7ª Oficina “Proposta do Mosaico do Litoral Norte/SP e Turismo Sustentável”:

- ✓ “Discutir o papel do Mosaico na construção da identidade e gestão territorial do LN;
- ✓ Discutir como o mosaico do LN/SP pode alavancar o TS na região.”

Finalizando com a apresentação do objetivo da 8ª Oficina “Plano de Comunicação e Marketing” que é “apresentar o Plano de Comunicação e MKT do Programa de TS”.

2.3.2. Edson Lobato - Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP

Edson Lobato (Fredê) complementa a fala da Patricia destacando algumas atividades que estão por vir neste processo, como a eleição de produtos regionais, a discussão acerca da certificação, a discussão no contexto dos mosaicos e a elaboração do Plano de Comunicação e Marketing.

2.3.3. Carlos Zacchi - Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo Caraguatatuba/ FF/SMA-SP

Carlos aborda um assunto de grande discussão na região que é a definição da principal característica, a vocação do litoral norte e compartilha uma preocupação que é esta característica mudar de preservação e turismo para serviços e logística.

2.3.4. Msc. Paul Dale - mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP

Paul faz menção ao documento entregue a todos os participantes ao chegarem nesta oficina (vide Anexo VIII) e apresenta o cronograma de trabalho previsto para as próximas atividades deste processo de elaboração

das diretrizes para o “Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte-SP, e pede aprovação dos participantes da oficina de cada item, conforme citado abaixo:

“Cronograma

- **1ª Oficina: 18 de Outubro de 2011**
 - ✓ Referendar consenso sobre necessidade destas Diretrizes, aprovar cronograma, aprovar componentes, aprovar gestão inicial do processo e aprovar indicadores finalísticos / metas.
- **2ª Oficina: em data a ser definida (Novembro de 2011)**
 - ✓ Junto de “Conceitos em Turismo Sustentável”: aprovar sistema permanente de gestão do processo, aprovar ações para alcançar indicadores finalísticos/metast e respectivos responsáveis, referendar todo processo, marco inicial do processo.”

Paul esclarece que os indicadores finalísticos correspondem ao que nós queremos que aconteça com a execução destas diretrizes.

Paul cita algumas fontes referenciais utilizadas para dar início a este processo, tais como:

- Diretrizes por segmentos: MTur, MMA, SMA, STur, TIES, ABNT, CBTS-PCTS etc.
- Diretrizes por Regiões: Mata Atlântica, Montanhas, GerCo - Áreas Costeiras, Áreas Oceânicas, Ambientes Insulares, Áreas Úmidas etc.
- Outros países: Argentina (Patagônia), Nepal, Canadá etc.
- Áreas Protegidas e Sustentabilidade: UC, SMA, ICMBio, IBAMA, MaB-UNESCO, CMAP-UICN, PNUMA, CDB, FF, IF, OMT, WWF, FGV etc.

Complementando o slide apresentado, Paul esclarece que temos poucos exemplos de trabalhos regionais e afirma que talvez este seja o nosso diferencial.

Paul destaca as diretrizes do TIES – The International Ecotourism Society e no Brasil do CBTS – Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável que gerou o PCTS – Programa de Certificação de Turismo Sustentável.

Paul cita também o exemplo do Canadá que realizou um ótimo trabalho em parceria com as unidades de conservação e do Nepal com o envolvimento dos operadores de turismo.

Paul destaca a presença de representantes de Salesópolis na oficina o que reforça a possibilidade de integração intra e supraregional.

Paul traça uma síntese das questões de maior relevância abordadas nas fontes citadas:

- “Direto ao Ponto = Objetividade
- Simplicidade
- Complementaridade de interesses
- Valorização das UC”

Paul cita também questões que reforçam a necessidade destas Diretrizes.

- “Plano COMDIAL / CEDS-LN
- Integração de Vetores - Integração de Interesses (meio ambiente, empreendedores, gestores públicos, população etc.): ponto de encontro = sustentabilidade
- Desenho regional = mais que a soma das partes = empreendedores sustentáveis e região sustentável”

Em continuidade a sua explanação, Paul apresenta algumas premissas deste trabalho nos próximos slides.

“Premissa Básica

- O turismo, principal atividade econômica regional, pode ser sustentável e de maior expressão positiva (ambiental, econômica, cultural e social) - base do programa de turismo sustentável do LN-ESP.

Premissas

- * Diálogo para a Sustentabilidade do Litoral Norte do Estado de São Paulo - CEDS/Centro de Experimentação em Desenvolvimento Sustentável.
- * *Gerenciamento integrado de áreas costeiras e oceânicas.
- * *Planejamento e gestão participativos das unidades de conservação da região.
- * *Planos municipais, regionais e setoriais para o desenvolvimento sustentável do Litoral Norte do ESP.
- * *Convenção da Diversidade Biológica - Metas de Aichi 2011-2020.

- * *Mudanças Climáticas e seu efeito na região.
- * *A prática da gestão compartilhada dos recursos hídricos, com base no Comitê de Bacia regional.
- * *Ações setoriais para promoção da sustentabilidade com incidência sobre o turismo regional.

E apresenta também componentes da sustentabilidade que nortearão as diretrizes.

- * “Ambiental.
- * * Econômico.
- * * Sócio-cultural.
- * Gerais:
- * legislação & participação,
- * com integração infra/supra regional”

Paul sugere a criação de dois grupos: GTO – Grupo de Trabalho Operacional e o GTE – Grupo de Trabalho Estratégico. E ao final da Oficina foram sugeridas pessoas e instituições pelos participantes para compor estes dois grupos. No entanto, pelo fato de algumas instituições não estarem representadas no evento, foi inserido um ponto de interrogação para que na próxima oficina esta participação seja confirmada ou refutada. E esta divisão ficou definida conforme apresentado abaixo.

“Parceiros Institucionais

GTO – Grupo de Trabalho Operacional:

CEDS, SETUR/SP, IF, FF, UNITAU, FATEC (?) - Juarez, ETEC (?) – Roberta, PM’s (M. Amb. e Turismo), Fórum Regional LN, Sala Verde Ubatuba, Marco Perrotti, Herman Schmidt, Azimute, Instituto Terra e Mar – Rita, Green Way – Liza, Assoc. Monitores São Sebastião, Cristiane Alves/Juquehy

GTE – Grupo de Trabalho Estratégico:

Prof. Mario, GTO, ComDial, ComTurs, Malu Moreira, SEBRAE (?) – Ivana e Fabiana, Caete Ecolazer, CBH/LN (?), Ass. Costa Alcatrazes, Conecta, Conselhos das UC’s,”

Paul finaliza sua primeira explanação apresentando os Indicadores Finalísticos / Metas propostos nas três dimensões de sustentabilidade:

- “**Componente Econômico:**
- movimento na baixa temporada,
- qualidade dos gastos do visitante,

- tempo de permanência do visitante,
- frequência da visita,
- pessoal empregado,
- empreendedores e
- tempo de retorno dos investimentos.
- **Componente Ambiental**
 - redução na ocorrência de danos ambientais associados à atividade,
 - melhoria no processo de gestão participativa das unidades de conservação regionais,
 - melhoria no processo de conservação da biodiversidade,
 - melhor internalização dos conceitos associados aos ambientes costeiros e marinhos junto ao processo turístico regional, e
 - maior integração entre segmentos turísticos incidentes na região com a promoção do patrimônio natural.
- **Componente Sócio-Cultural**
 - maior integração entre segmentos turísticos incidentes na região com a promoção do patrimônio cultural,
 - maior participação da população local nos processos decisórios sobre o turismo regional e
 - ampliação dos mecanismos sociais de monitoramento do turismo regional.”

2.4. Discussão Participativa sobre as Diretrizes de TS para o Litoral Norte /SP.

2.4.1. Palestrante: Vanilson Fickert - Diretor Técnico/Secretaria de Turismo de Estado de São Paulo

O palestrante apresenta a Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, criada em 1 de janeiro de 2011, pelo decreto 56.635 e que se organiza pelo decreto nº 56.638/2011 e destaca sua função:

- “[...] promover o turismo como atividade econômica de forma estratégica, contribuindo para gerar emprego, renda e desenvolvimento em todo o Estado. É nossa responsabilidade também:

- Planejar, coordenar, implementar, acompanhar e avaliar as políticas de promoção do turismo
- Formular diretrizes para o desenvolvimento de ações que fomentem o turismo no Estado
- Apoiar outras instituições, particulares ou não, para a criação de políticas que incrementem o turismo
- Difundir as atrações turísticas de todo o Estado de São Paulo dentro e fora do país
- Organizar permanentemente um inventário sobre o potencial turístico do Estado
- Incentivar a criação de escolas e cursos destinados à capacitação de profissionais para o exercício de atividades relacionadas ao turismo
- Elaborar o calendário turístico do Estado.”

O palestrante esclarece que a Secretaria de Turismo – (COTUR) é formada pelo DADE - Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias; pelo Conselho Estadual de Turismo, pelo Conselho do Turismo Regional Paulista e pela TUR.SP - A Companhia Paulista de Eventos e Turismo S/A foi criada pela da Lei Nº 13.560 de 2009, e atua desde 2010.

Segundo Vanilson o DADE “foi criado para transferir recursos diretos para a execução de obras e programas ligados ao desenvolvimento do turismo nas cidades reconhecidas como estâncias.”

E acrescenta que atualmente, o Estado possui 67 estâncias, entre balneárias, turísticas, hidrominerais e climáticas, sendo os quatro municípios do litoral norte paulista estâncias balneárias.

Vanilson ainda afirma que há:

“Verba de R\$ 220,8 milhões para 2011 - Os recursos dos convênios que essas cidades celebram com o DADE provêm do Fundo de Melhoria das Estâncias, que é mencionado no artigo 146 da Constituição do Estado de São Paulo e funciona de acordo com a lei 7.862/1992.”

Os recursos do DADE destinados a obras de infra-estrutura nas estâncias acabam despertando o interesse dos municípios, muitos que nem dispõem de Meios de Hospedagem se tornaram estâncias, devido a isto está sendo revisto este processo de transformação de um município em estância e já faz tempo que nenhum município consegue este título.

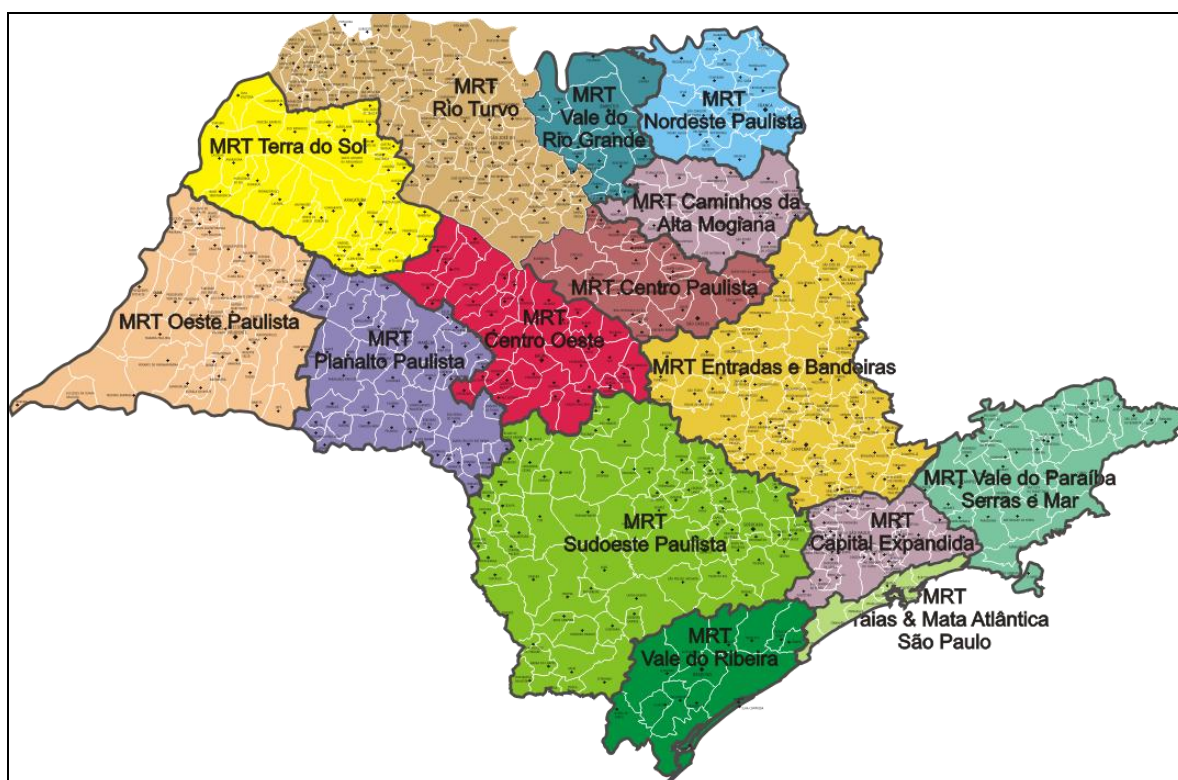
Os recursos são destinados para infra-estrutura, pois considera-se por exemplo que o município que tem 10.000 habitantes, mas que na alta temporada recebe 100.000 visitantes, ele deverá ter uma infra-estrutura para atender a esta demanda.

Vanilson aborda sobre o Programa de Regionalização do Turismo, cita o Circuito Litoral Norte e destaca as vantagens do desenvolvimento turístico com enfoque regional:

- “Melhor maneira dos municípios se desenvolverem.
- Organizar o espaço geográfico para fins de planejamento e controle do Estado e da iniciativa privada.
- Facilidade de atuação do poder público na gestão
- Otimização de resultados
- Promoção e comercialização integrada e compartilhada da atividade turística.”

O palestrante apresenta um slide com as Macroregiões Turísticas do Estado:

Quadro 3. Macroregiões Turísticas do Estado de São Paulo

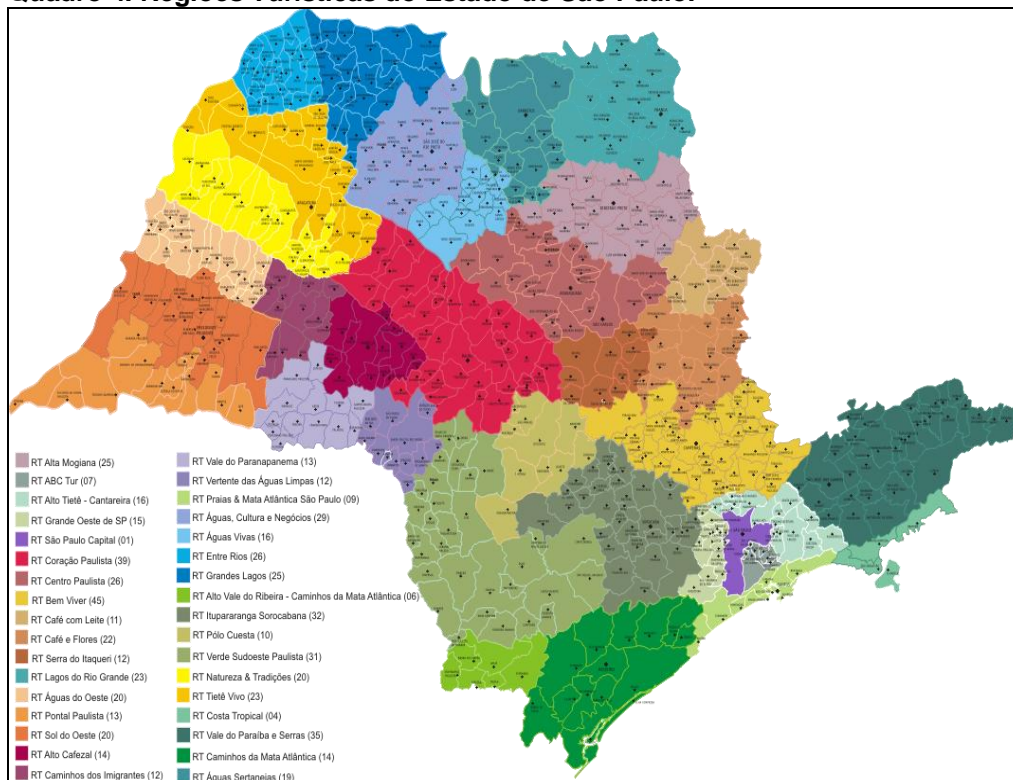


Estas macroregiões foram definidas em um encontro no ano passado, atendendo a uma solicitação do Ministério de Turismo. O litoral norte faz parte da “MRT - Macroregião Turística do Vale do Paraíba Serras e Mar”.

A capital paulista é o único município que sozinho já é uma região turística, conforme podemos observar no quadro apresentado abaixo.

Os quatro municípios do litoral norte compõem uma região turística e também um circuito turístico, conforme podemos observar ao compararmos o quadro 4 e 5.

Quadro 4. Regiões Turísticas do Estado de São Paulo.



Quadro 5. Circuitos Turísticos do Estado de São Paulo.



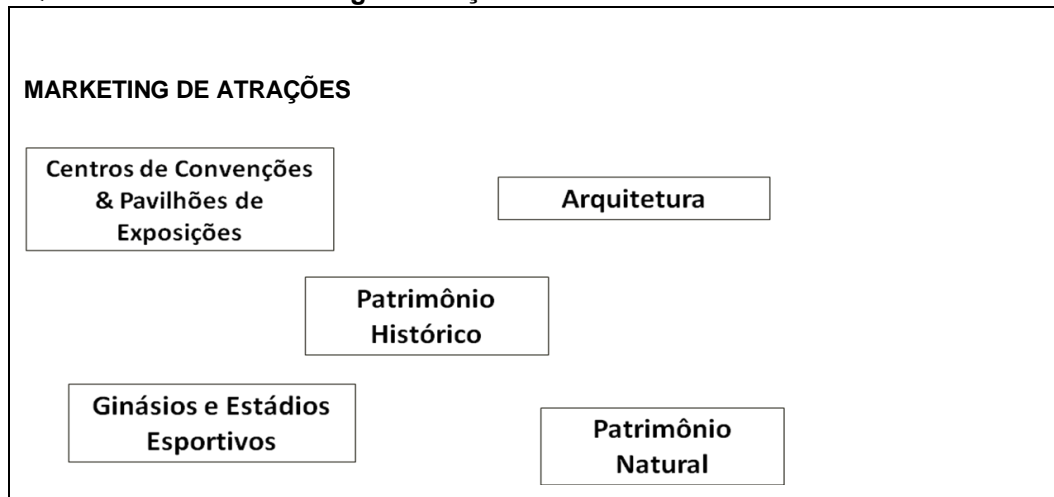
Quadro 7. Slide da TUR SP



Dentre os slides apresentados, Vanilson destaca as estratégias para atração de visitantes:

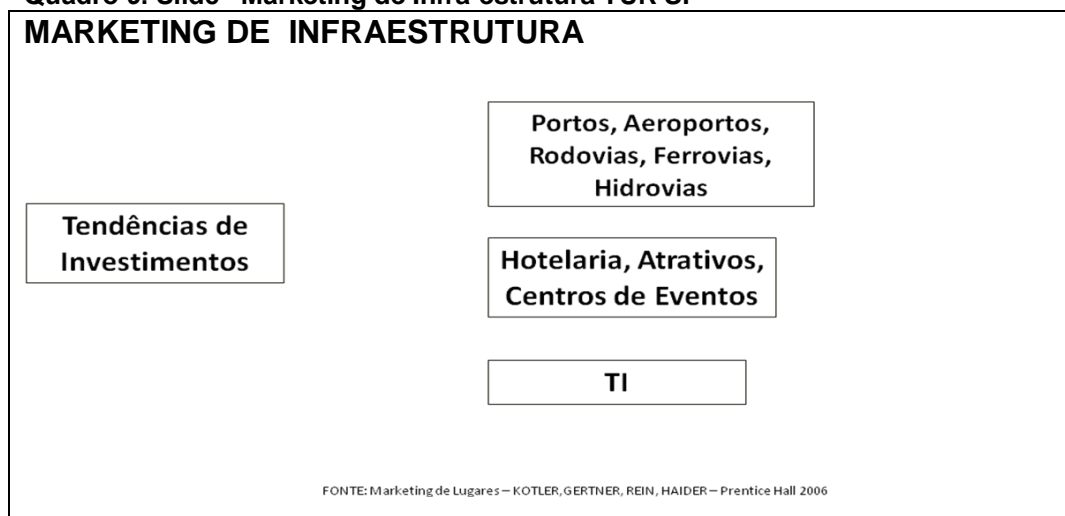
- Marketing de ATRAÇÕES
- Marketing de INFRA-ESTRUTURA
- Marketing de IMAGEM

Quadro 8. Slide "Marketing de Atrações" TUR SP



Fonte: Marketing de Lugares – KOTLER, GERTNER, REIN, HAIDER – Prentice Hall 2006 apud Palestra de Vanilson Fickert – Diretor Técnico da secretaria de Turismo de Estado de São Paulo (2011)

Quadro 9. Slide “Marketing de Infra-estrutura TUR SP



Fonte: Marketing de Lugares – KOTLER, GERTNER, REIN, HAIDER – Prentice Hall 2006 apud Palestra de Vanilson Fickert – Diretor Técnico da secretaria de Turismo de Estado de São Paulo (2011)

Atualmente, “uma das estratégias de marketing adotadas por um lugar é a promoção do seu povo”, conforme apresentado no quadro 10 abaixo, as campanhas trabalham com pessoas famosas que são moradoras da localidade ou pessoas que escolheram a destinação como local de moradia, pessoas contentes de pertencer a aquele lugar.

Quadro 10. Slide “Marketing de Pessoas” TUR SP



Fonte: Marketing de Lugares – KOTLER, GERTNER, REIN, HAIDER – Prentice Hall 2006 apud Palestra de Vanilson Fickert – Diretor Técnico da secretaria de Turismo de Estado de São Paulo (2011)

Uma nova imagem da capital paulista é semeada através do trabalho da TUR SP. Antes a visão que as pessoas tinham da cidade de São Paulo era apenas relacionada ao trabalho, atualmente, também um destino turístico de lazer e cultura, incentivando a permanência por mais tempo no destino.

Quadro 11. Slide “Marketing de Imagem” TUR SP

MARKETING DE IMAGEM

São Paulo dos PAULISTANOS

(um dos roteiros oficiais da Cidade de São Paulo)





“São Paulo é tudo de bom”

(Campanha do São Paulo Convention & Visitors Bureau)

A logomarca apresentada no quadro 12 abaixo, trabalha a idéia da diversidade de atrativos do estado de São Paulo. As pessoas em geral associam rapidamente o Estado à capital e muitas vezes até esquecem que São Paulo é um Estado que tem praia.

Quadro 12. Logomarca do Estado de São Paulo trabalhada pela TUR SP.



Dentre as estratégias de divulgação, temos a criação do “Guia Rotas de São Paulo” (www.rotasdesaopaulo.com.br), um portal para o turista (www.turismoemsaoapaulo.com) e o site institucional da Secretaria Estadual de Turismo de São Paulo (www.turismo.sp.gov.br).

O palestrante também comenta a respeito do convênio firmado com a SPTURIS visando à divulgação dos destinos do Estado de São Paulo e a Capital com o tema **“São Paulo: um Estado muitos destinos”**, através da realização de uma campanha no período entre março de 2011 a janeiro de 2012. Os veículos contemplados foram: Folha do Turismo / Mercado & Eventos; Brasilturis; Panrotas; Diário do Turismo; Revista Voe Livre; Hotelier News; Host & Travel; Revista de bordo TAM; Revista de bordo GOL e Revista Time Out São Paulo.

A participação em feiras nacionais e internacionais também foi o foco da campanha. Dentre as feiras realizadas temos: Aviestur; Salão do Turismo; AVIRRP; Abav; Gramado; ITB (Alemanha); WTM (Londres); FIT (Argentina); BTL (Portugal) e FITUR (Espanha).

O palestrante comenta a pouca participação do empresariado nestas feiras.

Ao invés de divulgar os destinos, a secretaria divulga os segmentos, como por exemplo: Sol & Praia; Rural e Religioso.

Foi citado o projeto “Roda São Paulo”, utilizado em eventos, como na Feira de Barretos, levando os visitantes até Olímpia, por exemplo, para conhecerem outros atrativos da região além da feira.

Roda SP - “Ônibus turísticos itinerantes, possibilitando a interação entre os municípios e oferecendo aos visitantes da região uma opção para visitação”.

Um projeto que inclui esta região do litoral norte paulista   o “Passos dos Jesuítas Anchieta” – “Caminho contemplativo, cumprido a p , que de certo modo reproduz parte das rotas percorridas pelos jesuítas, sobretudo na metade do século XVI, no litoral de São Paulo”.

O caminho   iniciado em Peruíbe e se estende até Ubatuba, o trecho inaugurado até o momento   até Bertioga. Os participantes se inscrevem pelo site do programa: <http://www.caminhasaopaulo.com.br>.

A proposta   de um caminho que não será percorrido em uma única viagem, o participante tem um ano para fazer o percurso completo, há um sistema de totens de monitoramento por onde o turista passa. Ele recebe um cartão que vai sendo marcado em cada trecho já percorrido.

E ao passar por 22 totens, o turista já tem direito a um certificado atestando que ele realizou “Os Passos dos Jesuítas Anchieta”.

Outro projeto citado foi o “Turismo do Saber & Melhor Idade” - “Projeto que leva alunos do interior para conhecer a praia, e do litoral para conhecer o campo” e ainda:

“Como continua o do Programa de Turismo para a Melhor Idade, a Secretaria de Turismo está desenvolvendo um projeto para levar as pessoas com mais de 60 anos que moram no interior do Estado para conhecer o litoral.”

E foram citados pelo palestrante alguns projetos futuros da TUR SP, como:

- “Produ o de vídeo promocional do Estado de São Paulo para divulga o nos eventos, feiras, campanhas, palestras etc.”
- Workshops para promo o nacional no intuito de “promover o Estado de São Paulo nos principais mercados brasileiros, consolidando sua imagem como destino turístico.”
- Desenvolvimento de novos produtos turísticos visando a “elabora o de produtos turísticos de qualidade para destacar São Paulo no cenário turístico nacional e internacional.”
- Sistema de inteligência do turismo através da cria o de “[...] um banco de dados estratégicos para o melhor gerenciamento e acompanhamento dos resultados do turismo no Estado.”

E como Projetos Estratégicos foram citados:

- Operacionalização e aprimoramento dos eventos do estado – “Eventos tradicionais, esportivos e culturais, de grande representação para o turismo de São Paulo.”
- Cidade Base – copa do mundo FIFA 2014:
 - “Cidades que receberão delegações classificadas para a Copa do Mundo de 2014.
 - *Objetivos: identificar as cidades com potencial para receber delegações no período de treinamento e identificar as cidades com potencial turístico para fazer parte de um calendário oficial do Estado durante a Copa.*
 - *Alguns dos pré-requisitos: - a partir de 50 quartos com ar condicionado e / ou aquecedor; - serviço de banquete/ restaurante (capacidade mínima de 50 pessoas); - sala para conferência de imprensa (capacidade mínima de 100 pessoas); - Centro de Treinamento/ SPA / piscina / área fitness etc.*
 - *Março de 2010: lançamento da 1ª edição do livro.*
 - *Total de cidades que participam da 1ª edição: 41*
 - *Fevereiro de 2011: lançamento da 2ª edição da publicação.*
 - *Total de cidades que participam da 2ª edição: 37”.*
 -

2.4.2. Debatedora: Maria Ines Ferreira - Empresária, representante de Ilhabela no Circuito Turístico do LN/membro do Conselho Gestor do PEIB

A convidada Maria Inês esclarece o que é o Circuito Turístico Litoral Norte Paulista e relata que com o Ministério do Turismo criou-se a regionalização e através desta regionalização criou-se uma Macro região com 39 cidades, onde estavam estes quatro municípios do LN.

Em 2005 Ilhabela foi contemplada como um destino indutor do SG 65, isto veio reforçar a necessidade dos quatro municípios trabalharem a regionalização, porque um dos objetivos do município indutor é reforçar a regionalização, por isto indutor, é indutor de turismo.

Com o circuito foi criada a Instância de Governança foi criado um grupo gestor que participou de um processo de capacitação com o Ricardo Serqueira para melhor compreensão deste processo de regionalização.

Maria Inês destaca a necessidade de capacitação do *trade*, para que este comece a enxergar que os demais municípios são parceiros e não concorrentes.

Segundo Maria Inês, na capacitação deste grupo gestor, foi criado um projeto que o SEBRAE desenvolveu com o grupo em 2006, mas que ganhou força em 2009, porque foi instituído um novo proponente para captação dos recursos. O

valor total deste projeto é de R\$4 milhões, sendo R\$2.700 milhões aproximadamente, do SEBRAE, uma parte da iniciativa privada e uma parte seria dos quatro municípios, entrando cada prefeitura com R\$450 mil.

No referido projeto foi prevista uma série de cursos de capacitação para os meios de hospedagem, restaurantes, atrativos, artesãos e agências. Alguns cursos de capacitação já estão sendo realizados bem como o mapeamento dos atrativos.

O foco deste projeto é aumentar a demanda na baixa temporada, diminuindo assim a sazonalidade. Maria Inês aponta os problemas causados pelo turismo de massa na região e reforça a importância da capacitação.

A convidada finaliza sua explanação apresentando os avanços do Projeto citado: já foi elaborado um site (www.litoralnortespbrazil.com.br); 80% das capacitações em andamento; desenho de um guia contemplando os quatro municípios e empresas cujos empresários participaram dos cursos de capacitação propostos e da roteirização.

2.4.3. Palestrante e Debatedor: Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)

O professor Dr. Mário Beni é membro do Conselho Nacional de Turismo há 13 anos e da Organização Mundial do Turismo (OMT) há 15 anos e foi o gestor do Plano de Desenvolvimento Turístico Integrado de Ilhabela.

O Professor abordou conceitos importantes para a reflexão dos participantes da oficina, como: Políticas Públicas, Planejamento e Capacidade de Gestão.

Em seu primeiro slide ele apresenta que:

“As variáveis de desenvolvimento e sustentabilidade indicam o estado do meio ambiente e as condições sociais e econômicas dos atores envolvidos e dos programas que garantem o futuro, existem poucos estudos sobre esses indicadores e as dificuldades enfrentadas são em relação à diferenciação de mudanças induzidas por diferentes atividades.”

O Professor contextualiza em relação ao Programa de Regionalização do Turismo proposto pelo Governo e afirma que ainda nós não estamos

fazendo um Programa de Regionalização e acrescenta que ainda se confunde roteirização com regionalização.

O professor acredita que regionalização é o que estamos iniciando com esta oficina, com a participação da comunidade.

O professor apresenta outros slides com conceitos de base para sua explanação:

“A dimensão ecológica, também denominada capital natural, pode ser dividida em três cenários: ciência da ecologia; a qualidade do ar e da água (poluição); conservação e gestão de recursos renováveis e não renováveis.”

“A dimensão social, pode variar de uma organização para outra, mas horas de trabalho, remuneração, segurança, ambiente saudável, proibição de trabalho infantil e escravo são comuns a todas.”

“Outros indicadores são estímulo à política social, investimento em capital humano, direito de associação entre outros.”

“A dimensão econômica, ou dimensão do lucro, inclui não só a economia formal, mas também as atividades informais. O lucro é gerado pela oferta de produtos e serviços que satisfazem às necessidades humanas por meio da geração de fontes de renda para os empresários, os empregados e os provedores de capital.”

O professor comenta que se sente feliz pela presença de alguns empresários nesta oficina, pois, é incomum esta participação. E ainda ressalta que no turismo temos um problema terrível os agentes de viagens se reúnem com os agentes de viagens, os bacharéis em turismo com os bacharéis em turismo, os hoteleiros com os hoteleiros e desta maneira não temos uma integração efetiva do Sistema de Turismo para discutir as questões do turismo.

“O retorno financeiro desses esforços reflete-se na satisfação dos consumidores e na eficiência no uso dos fatores de produção.”

“A dimensão cultural inclui padrões, normas, regras e modelos, os quais são manifestados por meio das relações sociais. Os elementos culturais são: artesanato, linguagem, tradições, gastronomia, arte, música, história, tipo de trabalho e tecnologia usada, arquitetura, religião e suas respectivas manifestações, sistema educacional, atividades de entretenimento e lazer, vestuário entre outros.”

Ao abordar a dimensão cultural, Beni contextualiza com a região do litoral norte e destaca que inclusive o surpreendeu muito de forma positiva a escolha pela realização da oficina em um Patrimônio Histórico Cultural, como a Fazenda Santana. E comenta ao ler “religião e suas respectivas manifestações” que no dia anterior também assistiu a um espetáculo na Rua da Praia que reforça a força destas manifestações.

Beni continua a leitura dos slides de sua apresentação:

“A política de um determinado grupo social possibilita o desenho de um marco ideológico e institucional para o Turismo. Esse marco de referência para a gestão turística se expressa por meio de uma política que, para o desenvolvimento de um turismo harmônico, competitivo e sustentável, deve ser produto da participação ativa da maioria dos atores envolvidos no cenário da localidade.”

Beni destaca do slide apresentado a questão da “participação ativa da maioria dos atores envolvidos no cenário da localidade” e enfatiza que hoje não podemos mais trabalhar com aquele modelo de planejamento que chega pronto à localidade, ou seja, as diretrizes de “cima pra baixo”, estas “devem ser rigorosamente participativas com a comunidade local”.

“A construção de um destino turístico que privilegie a diversidade e a heterogeneidade cultural, exige, necessariamente, ações que trabalhem as aprendizagens sociais dos moradores em torno dos saberes turísticos.”

Beni destaca de sua apresentação “ações que trabalhem as aprendizagens sociais dos moradores em torno dos saberes turísticos e comenta: “é isto que estamos fazendo hoje”. Desta maneira podemos perceber que o professor, repetidas vezes, enfatiza que a oficina atende aos pressupostos apresentados como o caminho mais coerente e acertado para se iniciar um processo de desenvolvimento turístico.

“O planejamento estratégico participativo tem ênfase na informalidade da comunidade local, portanto, exige um planejamento sistêmico integrador do poder público e da iniciativa privada. Os benefícios devem ser difusos, descentralizados, não apenas dirigidos aos empreendedores forasteiros tendo como centralidade as práticas de lazer e a hospitalidade local.”

“Verifica-se que comunidades portadoras de um alto capital social ampliam sua capacidade de refletir, planejar e agir de forma solidária, em rede, pois o capital social é um conjunto de memórias coletivas em rede, ampliando a colaboração e o empreendimento de ações coletivas de caráter sistêmico e solidário.”

Beni destaca a questão do “capital social” que normalmente fica no plano teórico e afirma que “hoje nós estamos realmente saindo do plano teórico e partindo efetivamente para uma ação concreta”. Destaca ainda o trecho que define o capital social como o “conjunto de memórias coletivas em rede” e contextualiza dizendo que é o conjunto das reflexões de cada participante que está presente na oficina debatendo e trabalhando com a realidade local.

“Deve-se entender as redes de relações sociais nas quais os indivíduos extraem recursos e vantagens, como um multiplicador de outras formas de capital-cultural, monetário, simbólico.”

Beni destaca de sua apresentação um “entendimento” novo que são “as redes de relações”, que é, segundo o professor, o que estamos tentando fazer nesta oficina, “identificando cada elo das pessoas” presentes no evento para estabelecer estas redes de relações sociais.

“A implantação de um processo de planejamento, seja de nível nacional, regional, municipal, institucional deve ser concebido como um processo inerente ao exercício da cidadania, pelo qual a população deve sentir-se partícipe do processo, compartilhando das decisões sobre a gestão da sociedade em que estão inseridos.”

O professor reafirma que “é isto que estamos fazendo hoje”, um exercício de cidadania. E acrescenta dizendo que na verdade o que estamos propondo com este trabalho é que cada um se sinta partícipe deste grande projeto.

“Uma concepção de planejamento estratégico participativo pressupõe que a comunidade, a partir de sua vivência cotidiana, tenha condições de indicar alternativas para gestão da coisa pública. Isso pressupõe sua instrumentação para ultrapassarem a percepção empírica da realidade e avançarem no sentido de deter o conhecimento global das carências locais ou regionais.”

Beni destaca a questão da “vivência cotidiana” e afirma que cada participante presente na oficina tem uma experiência riquíssima que precisa estar presente em um processo de desenvolvimento sustentável. A raiz do desenvolvimento sustentável está na experiência de cada um.

“Devemos lembrar que a autonomia das comunidades só pode ser realmente alcançada pela participação social no processo de decisão e construção regional, garantindo a adaptação rápida às constantes mudanças provenientes do dinamismo global. Essa participação é, entretanto, um processo formativo, lento, uma recuperação da capacidade de organizar e construir uma região.”

Beni afirma que:

“A maior dificuldade do planejamento é exatamente a mobilização social. O planejador tem uma visão organizada, holística, estruturada, sistêmica”, no entanto, ele não consegue planejar sem a participação da comunidade. E “é exatamente esta mobilização que acontece a partir destas oficinas de trabalho”.

“O Turismo é um destacado setor do comércio internacional, se considerarmos que as receitas totais dessa atividade globalizada superam a maioria dos outros setores econômicos. A cadeia produtiva do turismo é muito mais importante do que a produção do setor primário e secundário em termos de participação e atividade econômica.”

Beni acrescenta a sua apresentação que os próprios governos ainda não perceberam esta realidade, não dando a prioridade que deveriam dar ao turismo.

“No entanto, o Turismo é um setor altamente vulnerável, que depende de uma série de fatores, muitos dos quais sem controle do Estado. Acontecimentos globais podem nos levar a um cenário de retratibilidade, relacionados à política internacional, a riscos: geológicos; meteorológicos, epidêmicos e pandêmicos; de operação nos modais de transportes e comunicações; oscilações de conjuntura econômica; preço dos combustíveis (petróleo) convulsões sociais e terrorismo podem ter um efeito danoso no desempenho da atividade e ameaçar sua taxa de crescimento.”

O professor reafirma a vulnerabilidade do turismo e acrescenta que o turismo é retrátil como ocorre nesta região o fenômeno de retratibilidade, a questão sazonal, alta e baixa estação.

Beni destaca que há outros fatores de retratibilidade, como o cenário político, e comenta que passamos por uma crise, mas com certeza passaremos por outra. Estimava-se que em 2014 teríamos entre embarque e desembarque no Brasil 280 milhões de passageiros, mas na verdade já iremos atingir este número em dezembro deste ano.

Em 2003 na criação do Ministério de Turismo, o então ministro do turismo, prometeu 9 milhões de turistas no receptivo internacional e o professor Beni não acreditou que iríamos chegar a este número.

Beni afirma que “nós estamos cravados, estacionados há 10 anos em 5 milhões de turistas no receptivo internacional”, e que, no entanto, o turismo interno teve um alto índice de crescimento, destacando que:

“Estamos chegando a 60 milhões, número expressivo com taxa de partida em férias equivalente a Europa, graças à mobilidade social que houve com quase 50 milhões de habitantes, sendo 30 passando para a classe média e 20 milhões da classe “D” para a classe “C”, isto criou uma situação inusitada, o Brasil é único país no mundo que tem mais passageiro aéreo que rodoviário.”

Beni continua a apresentação dos slides e coloca que:

“Outros fatores, porém, dependem de políticas públicas e, nesse sentido, adotar uma estrutura coerente para o seu desenvolvimento sustentável com o crescimento do comércio e serviços se torna uma questão crucial, especialmente naqueles países que tem uma alta dependência econômica do Turismo.”

Beni acrescenta que no Brasil, turismo oscila entre o quarto e o quinto setor na pauta das exportações e que no mundo ele concorre com a indústria automobilística, informática, Petróleo, entre outros.

Beni continua a apresentação de seus slides, e coloca que:

“O Turismo é provavelmente o único setor de serviços que propicia oportunidades de negócios concretos para todas as nações, independentemente de seu nível de desenvolvimento.”

“Daí seu grande potencial de mercado.”

“Considerando essas características, o Turismo se traduz como uma força motriz importante para o crescimento e o desenvolvimento econômico. O Turismo pode também atuar como uma grande alavanca propulsora nos esforços à inclusão social, geração de emprego e renda.”

“O quadro atual da economia mundial tem apontado para três grandes vetores:

- no plano econômico, a globalização e a conseqüente competição internacional;
- no plano social a regionalização, até como resposta, aos efeitos da globalização econômica que obrigam os países a reduzirem seus custos e saírem do assistencialismo e, por fim;
- no plano político, a descentralização, pois cada país ou bloco de regiões necessita de flexibilidade para arranjar seus fatores de produção e tornar-se competitivo.”

“A globalização que nos leva a um cenário de contínua integração da economia mundial; ao aumento das desigualdades entre países e regiões e, conseqüentemente, às disparidades internacionais e inter-regionais conduz-nos também a uma maior liberdade de atuação e a ampla abertura da economia.”

“Nesta dimensão global quais países ou regiões se destacariam?”

Aqueles ou aquelas que conseguirem articular seus sistemas produtivos, com elevados níveis de competitividade nos mercados globais.”

Beni coloca que a grande proposta que ele, o Paul, a Patricia e todos que se integram a este projeto querem fazer aos participantes desta oficina é exatamente esta “articular seus sistemas produtivos”.

“Os países e regiões que conseguirem planejar seu potencial turístico, institucionalizando parcerias e alianças público-privadas como poderosos instrumentos para atingir a desejada articulação em redes de cooperação produtiva, estarão consolidando o desenvolvimento sustentável e ampliando significativamente sua pauta de exportações.”

Beni interrompe a leitura do slide para ressaltar a importância das parcerias e afirma que cada participante presente “está estabelecendo uma parceria, um compromisso efetivo com o desenvolvimento, à medida que se torna protagonista disto.”

Beni também destaca o conceito apresentado, “redes de cooperação produtiva”, e para exemplificar conta que, em certa ocasião foi convidado para proferir uma palestra para empresários do turismo em Termas do Rio Quente, e havia uma disputa, que há até os dias atuais, entre Termas do Rio Quente e Caldas Novas.

Antes de iniciar a palestra o professor elogiou os produtos hortifrutigranjeiros da região servidos no almoço oferecido, e os organizadores o corrigiram dizendo que os produtos não eram da região, mas que tinham vindo do Ceasa na capital paulista.

Beni ficou surpreso e comentou que eles estavam a 850 km de São Paulo e continuou a conversa perguntando sobre as roupas de cama dos meios de hospedagem, por exemplo, onde eles compravam, e os empresários do setor responderam que era na região da Rua 25 de março, também em São Paulo e então o professor faz sua colocação: “Vocês nunca pensaram em uma rede de cooperação produtiva?” e continuou dizendo que talvez eles não tivessem uma indústria têxtil na região, mas perguntou se eles nunca tinham pensado em comprar tecido e convidar mulheres da região para confeccionar as peças. E os empresários disseram que nunca tinham pensado nisto. Beni acrescenta que isto seria importante para a economia regional gerando mais emprego e renda.

Continuando sua apresentação de slides Beni relata que:

“De acordo com François Perroux poderíamos caracterizar as regiões como:

- Região polarizada;
- Região homogênea e
- Região plana.”

“As regiões são definidas como áreas de influência polarizada por uma capital ou lugar cultural. Essas áreas de influência podem ser entendidas como áreas de mercado, dos serviços públicos e privados que existem na capital ou lugar central.”

Contextualizando Beni coloca que na região do litoral norte temos quatro municípios, sendo um dos quais com um transporte combinado com uma ligação por balsa, que é o caso de Ilhabela.

“Conforme o critério da homogeneidade, as regiões compartilham alguns traços característicos que se tornam o princípio do seu agrupamento (história, cultura, geotopologia, idioma, base econômica), gestão administrativa.”

Beni esclarece que quando fala de agrupamento já está começando a falar de “cluster”.

“Mas, para que tudo isso seja factível, há uma premissa impostergável: estabelecer políticas públicas e planejar!”

“Política é um curso de ação calculado para alcançar objetivos, ou seja, direções gerais para o planejamento e a gestão do Turismo, baseadas em necessidades identificadas dentro de restrições de mercado e de recursos.”

“Políticas públicas: são, no nosso tema, orientações específicas para a gestão do Turismo, abrangendo os muitos aspectos estruturais e operacionais da atividade.”

“Elas procuram maximizar os benefícios e minimizar possíveis efeitos adversos e, fazem parte do desenvolvimento planejado de uma região ou país, em que é necessário criar, desenvolver, conservar e proteger recursos turísticos.”

“Planejamento envolve definir a rota, o caminho, a estratégia. Pressupõe também e é importante ressaltar incerteza e responsabilidade. É necessário que se esteja consciente de que a tomada de decisões afeta outras pessoas e exige todo o respeito e todo nosso esforço. Isso justifica o envolvimento – de diferentes formas – de mobilização e organização social.”

“O planejamento visa transformações qualitativas, ou o controle da evolução do processo sócio-econômico sob a perspectiva espacial

e estrutural, para melhor aproveitar seu potencial, ou para revê-lo tendo em vista o efetivo alcance dos objetivos fixados.”

E Beni volta a colocar que: “a dificuldade maior do planejamento é a mobilização social, é a organização em função dos objetivos fixados”. É preciso identificar quem são os líderes e se buscarem os líderes políticos, a estrutura oficial pública institucionalizada, muda cada quatro ou oito anos, buscar as organizações sociais é uma forma. O professor pessoalmente acredita que precisamos muito da universidade, porque ela consegue “estabelecer uma linha de perenidade aos projetos” e acrescenta que a universidade não deve ser coordenadora, mas sim mediadora do processo, “até pelas suas características de multi, inter e transdisciplinaridade”.

Beni relata sobre o convite que recebeu há 15 anos para atuar na Universidade de Caxias do Sul, e como esta é uma universidade comunitária, ele desenvolveu diferentes projetos comunitários. Começou um trabalho para resgatar a cultura da colonização italiana, as casas eram construídas com pedra, e tinham rebocado as casas, então removeram o reboque, resgataram a arquitetura típica colonial e depois também a gastronomia artesanal.

Em relação à organização institucional, neste caso citado pelo Beni, tinha a “Atua Serra”, que era uma organização social, hoje é uma agência de desenvolvimento regional que trabalhou “o caminho das pedras”, este resgate da colonização italiana e a rota dos vinhedos.

Beni cita a Rota dos Vinhedos, que demonstra “a força do turismo, a força de um projeto turístico como ativador da economia local.” Nesta região, “duas famílias faziam vinho de excelente qualidade para consumo próprio, eles foram incentivados pelo município de Bento Gonçalves que destinou uma área para a produção em escala econômica”. Este processo demorou 12 anos, mas hoje estas são as duas maiores vinícolas do país.

Beni apresenta um mapa do litoral paulista.



Beni cita o litoral centro, o governador Mário Covas institucionalizou um sistema que ainda não foi implementado, mas que criou a Comissão Regional de Desenvolvimento, que deveria partir para uma agência de desenvolvimento. Na opinião do professor Mário Beni, “a melhor forma institucionalizada para se trabalhar esta questão regional”, e ainda contextualiza com o litoral norte dizendo que aqui na região talvez o CEDS possa ser a semente de uma agência de desenvolvimento regional, “este é um processo realmente importante para juntar os esforços necessários de desenvolvimento.

Beni começa a abordar o cerne do desafio deste processo: Gestão e Sustentabilidade.

“A primeira idéia importante que devemos adotar para o início do processo de planejamento é a da sustentabilidade.”

“O conceito de sustentabilidade que estamos propondo envolve a compreensão de uma série de dimensões e cenários de sustentabilidade, cujo alcance do conjunto possibilita o desenvolvimento racional da atividade de maneira a torná-la efetivamente sustentável.”

“Tais dimensões podem ser divididas em duas categorias: dimensões-objetivo e dimensões-instrumento”.

Beni esclarece que fez esta divisão das dimensões-objetivo e dimensões-instrumento da sustentabilidade para efeito didático pedagógico.

“Dimensões-objetivo: sustentabilidade ambiental (ecológica); sustentabilidade **social**; sustentabilidade **econômica**; sustentabilidade **cultural**; sustentabilidade **político-institucional**.”

Beni destaca que se não tivermos o político-institucional, através da agência de desenvolvimento, por exemplo, como poderemos assegurar os demais cenários de sustentabilidade.

“Já as dimensões-instrumento são as que não podem ser consideradas a finalidade dos esforços de desenvolvimento, mas pressupostos de alcance das dimensões-objetivo. São elas: sustentabilidade **espacial**; sustentabilidade **mercadológica**; sustentabilidade **administrativa**; sustentabilidade **organizacional**; sustentabilidade **jurídica**; sustentabilidade **financeira**.”

Beni esclarece que as dimensões-instrumento são os desdobramentos das dimensões objetivas.

Em relação à sustentabilidade espacial, Beni cita um exemplo para demonstrar sua importância, a Nova Zelândia tem 8,5 milhões de habitantes e 60 milhões de cabeças de ovelha, abriram as fazendas para o turismo e quase perderam o rebanho ovino, devido às impurezas levadas pelos visitantes na barra da calça, na manga da camisa etc. Então, segundo Beni, “quando se fala em sustentabilidade espacial tem que se pensar em plano de manejo, tem que se pensar em controle, enfim em uma série de preocupações.” Beni ainda cita outro exemplo a respeito do agroturismo na Toscana.

Em relação à sustentabilidade mercadológica, Beni coloca que “temos que ter uma rede voltada à venda do produto turístico regional, que trabalha a questão mercadológica.”

Em relação à sustentabilidade jurídica, Beni cita que “recentemente foi aprovada a Lei Geral do Turismo, mas ela precisa ser aplicada em termos regionais e locais.”

E esclarece também a respeito da sustentabilidade financeira, que é esta que irá “assegurar o financiamento aos investimentos.”

As citações que seguem estavam nos próximos slides que não foram comentados na apresentação do professor Beni, devido ao tempo estar se esgotando, no entanto, eles foram deixados à disposição da platéia.

“Todo projeto de desenvolvimento local/regional desencadeia um processo de reconstrução/ reapropriação de um determinado

território, entendido este como o espaço apropriado. Esse processo implica numa nova ordenação territorial.”

“O que se propõe é que essa reordenação territorial seja sustentável e alavancada a partir dos interesses coletivos da comunidade local e da região.”

“Pretende-se que esse processo de nova ordenação sustentável venha a traduzir-se num novo padrão de desenvolvimento, obedecendo não mais a racionalidade da acumulação e do consumismo, mas principalmente da interculturalidade e da qualidade de vida a curto, médio e longo prazo.”

Beni volta a comentar os slides destacando a questão das expectativas coletivas e esclarece que cada um de nós temos as nossas expectativas e estas expectativas coletivas, que neste caso representam os quatro municípios que estamos trabalhando (Caraguatatuba, Ubatuba, Ilhabela e São Sebastião).

“Além disso, deverá contemplar as necessidades e expectativas coletivas da base local, com a participação ativa da sociedade civil, organizada de forma multiescalar, buscando adotar a alternativa que melhor viabilize sua inserção no processo regional de desenvolvimento, com responsabilidade social cooperativa (RSC) empreendedorismo e empoderamento.”

“Será sempre necessário observar a teia de reações sociais, a organização administrativa local, a migração, as conseqüências da sazonalidade regional na dinâmica e nas potencialidades do destino turístico para elaboração de políticas habitacionais e geração de emprego e renda.”

“O Projeto deve se apoiar na participação social, equidade, intersectorialidade e permanente busca da sustentabilidade.”

“O Turismo sustentável envolve:

- compreensão dos impactos turísticos;
- distribuição justa de custo e benefícios;
- geração de empregos locais, diretos e indiretos;
- estimulação de negócios lucrativos;
- injeção de capital e dinheiro na economia local;
- diversificação da economia local;
- a transferência de benefícios de uma região mais rica a outra mais pobre contribuindo para um maior equilíbrio intra regional e ou transnacional.
- eleva as condições de vida das comunidades envolvidas;
- estimula e favorece o crescimento de outras atividades no espaço de fronteiras.”

“Sem dúvida, isso exige uma solução a um reiterante desafio aos planejadores do desenvolvimento regional e aos empresários que investem sem estruturarem seus empreendimentos na essencialidade desses conceitos.”

A mudança nesse referencial exige uma nova ação e uma nova consciência e uma nova ética que assegurem a endogenização do desenvolvimento.

Essa é a nova lógica, as empresas desverticalizadas e a região verticalizada.

A sinergia, evidentemente, é ajudada por mecanismos de integração de 1º grau que se configuram como consórcios de municípios e empresas, cadeias de fornecedores de grandes empresas, consórcios de marcas e outras formas de cooperação entre a iniciativa privada e o poder público.

Mecanismos de integração de 2º grau

Associações empresariais proativas, cooperativas de crédito ou instituições de garantia de crédito.

Quando apresenta o slide que cita “as cooperativas de crédito e instituições de garantia de crédito”, Beni comenta que não adianta o BNDES oferecer créditos para a hotelaria nacional, pois para sacar dinheiro do banco você precisa provar que não precisa do dinheiro. E cita que o BNDES colocou 1 bilhão e meio a disposição dos hoteleiros, mas foi tomado apenas 485 milhões. E em seguida retoma a explicação dos slides.

Mecanismos de integração de 3º grau

“São criados por todos os atores sociais e agentes institucionais interessados no desenvolvimento da região, instituições do Terceiro Setor, Bancos, Agências de Desenvolvimento e Universidades.”

Beni entra no tema: observatório de desenvolvimento regional.

“Na integração de 3º grau é possível pensar-se no observatório de desenvolvimento regional mediado por um centro de excelência multi e interdisciplinar que, inexoravelmente nos remete a Universidade.”

“O que são redes? Quais papéis lhe estão sendo atribuídos em um mundo de rápidas transformações?”

“O cenário de redes destaca a imagem dos equipamentos de infraestrutura: redes viárias; redes urbanas; de intermodalidade de transportes; redes de abastecimento (energia, água, alimento etc); redes empresariais e até rede de informação são pensadas com elementos materiais duráveis e estruturantes do espaço de maneira irreversível.”

Beni destaca que não há como construir cluster sem este conceito de redes e apresenta os slides que abordam as “Redes de Cooperação Produtiva”.

“As redes de empresas são formadas inicialmente com o objetivo de reduzir incertezas e riscos, organizando atividades econômicas a partir da coordenação e cooperação entre empresas. Na formação de redes entre empresas existe a possibilidade destas configurarem-se como redes flexíveis de pequenas e médias

empresas, compondo um dos cenários mais importantes e decisivos para a constituição de “clusters”.”

“O nascimento, desenvolvimento e consolidação da Rede de Empresas depende da discussão e equacionamento de três aspectos fundamentais:

- cultura da confiança – cooperação entre as empresas e parceiros;
- cultura da competência – capacitação de cada parceiro;
- cultura da tecnologia – agilização do fluxo de informação – inovação.”

Os próximos slides não foram comentados pelo professor Beni, mas assim como os anteriores que não haviam sido comentados, ele pede para que os participantes depois leiam com tranquilidade.

“*Cluster* de Turismo é:

a) a forma de maior sucesso, na atualidade de articulação (integração e interação) de um modelo de gestão de uma destinação turística, suas modalidades de promoção, comercialização, desenvolvimento e cooperação entre os agentes econômicos, culturais, políticos e sociais de um local ou região.”

“b) por isso, precisa de um Plano Estratégico de Turismo que crie uma estrutura de gestão em que a participação de segmentos empresariais e organizações sociais permitam atingir compromissos permanentes entre a iniciativa privada e o setor público, por meio de instrumentos que conduzem para a:

- gestão compartilhada;
- participação mútua em custos;
- definição de programas e produtos de promoção turística que superem modos tradicionais de fazê-la;
- elaboração e promoção de produtos que conjuguem sua oferta com sua própria rentabilização.”

Beni retoma as explicações dos slides apresentando um esquema que demonstra o que são “clusters de competitividade” em seguida apresenta a definição de “cluster de turismo”.

“O *Cluster* de Turismo pode ser assim sintetizado:

- conjunto de atrativos com destacado diferencial turístico, concentrado num espaço geográfico contínuo ou descontínuo;
- dotado de equipamentos e serviços de qualidade;
- eficiência coletiva, coesão social e política;

- articulação da cadeia produtiva e cultura associativa com excelência gerencial, em redes de empresas que possam gerar vantagens estratégicas comparativas e competitivas.”

“Objetivos do *cluster* de Turismo: articulação entre iniciativa privada, administração pública e sociedade civil organizada; planejamento de ações visando incrementar o diferencial turístico e a atratividade, o marketing, a produtividade e gestão; caracterização dos principais atores sociais e agentes institucionais da cadeia produtiva do turismo para a construção de uma rede de produção e gestão cooperativa.”

Devido ao esgotamento do seu tempo de fala Beni pula mais alguns slides, mas que foram inseridos na seqüência, neste relatório.

“Os conceitos contemporâneos de território ao abrangerem relações de poder que vão além da geopolítica dos estados nacionais, bem como a estruturação das redes e as relações sociais projetadas no espaço, norteiam a definição da área dos *clusters*.”

“As territorialidades e conexões “redes” são resultados de verificação da interatividade, nas mais amplas relações e na atividade turística, assim como na observação da identificação, dos movimentos sociais, das migrações, das flutuações das populações e das zonas contínuas de um *cluster*.”

“Cabe destacar que as redes estabelecidas pela sociedade, nas formações de malhas que sustentam a conceituação de território, com as diversas formas de cooperação, dependências, interconexões provocada pela dinâmica dos *clusters* justificarão os agrupamentos territoriais e redes urbanas repletos de historicidade regional, associados à interação política, ambiental e econômica, resultando num complexo relacionamento entre as bases estruturais e suas subjetividades próprias de cada comunidade.”

Beni faz questão de destacar quem participa deste processo:

“A iniciativa privada, sociedade civil organizada, os governos federal, estadual e municipal, associações, sindicatos, organizações não governamentais, ambientais ou educacionais, universidade entre outras.”

“As comunidades possuem identidade própria que as impulsionam a tomar iniciativas que podem proporcionar o desenvolvimento local e regional.”

E em seguida Beni pula alguns slides, os próximos apresentados neste relatório:

“Distritos Industriais Italianos versus *Clusters* de Turismo”

“Na dimensão cognitiva, a produção requer uma função de saber codificado, de ciência incipiente e do saber contextual – o produto é oferecido no cenário da produção. Exatamente como acontece nos setor de Turismo.”

“Como descreveríamos esse cenário?”

De um lado, encontramos um processo produtivo ideal, inteiramente tecnologizado, ou mesmo reduzido a uma frequência precisa especificada de operações estruturadas; de outro lado, um processo produtivo, empírico, gerido por um operador que é visto e reconhecido como que não sabe nada, mas que se “arranja” fazendo um pouco de tudo.”

“Na realidade, não é verdade que o artesão empreendedor não sabe nada: ele conhece bem melhor que os outros mais treinados que ele, certas operações recorrentes na experiência da vida cotidiana, conhece melhor algumas operações que o outro de uma linha de produção mais automatizada.”

“Conseqüentemente, surge uma região que conseguiu amadurecer em face da própria e repetida experiência pela cabeça e iniciativa de seus próprios agentes, instituições e unidades produtivas e paraprodutivas em certo estoque de conhecimento regional.”

“Se as linhas de produção local se fundamentar nesse conhecimento contextual da região, oportuna e convenientemente mesclado com o saber codificado, tal conhecimento constituirá a base produtiva apropriada e aquela região não terá dificuldade em conquistar uma destacada vantagem competitiva.”

“O Turismo conserva igualmente todas essas peculiaridades, distinguindo-se, no entanto, por sua distribuição e consumo restritos à sua área de localização, exigindo o deslocamento do consumidor até a origem do processo.”

“No território do *cluster* de Turismo está intrínseco os recursos primários desse setor, ou seja, a natureza e seus elementos compósitos da paisagem que irão constituir a oferta turística natural. O que vai mudar na atividade turística é exatamente o diferencial da interculturalidade, das representações simbólicas local ou regional, ou seja, aquele saber não codificado característico da herança cultural, que se perpetua nas manifestações da hospitalidade, hospedagem, gastronomia, artesanato, folclore, arte (música, literatura, pintura, teatro entre outros).”

“Na verdade, esse conjunto constitui o grande atrativo turístico do lugar. Eis a base do desenvolvimento sustentável do Turismo, alicerçado no modelo endógeno, que deslocou a demanda de consumo dos centros cosmopolitas para destinos com rico patrimônio natural e histórico-étnico-cultural.”

Beni retoma com a apresentação de um esquema demonstrativo de um *Cluster* de Turismo, com os elementos formadores de uma cadeia produtiva.

Para concluir, Beni sugere incluir abordagem político institucional junto das demais já consideradas na formulação das diretrizes.

E finaliza sua explanação com a frase: “Somos o que mudamos, sobretudo quando mudamos o que somos!”.

2.4.4. Maria Anita Bueno (Secretária de Cultura e Turismo de São Sebastião)

Maria Anita aborda a respeito da dificuldade de trazer para um grupo de trabalho o empresariado de São Sebastião.

Maria Anita coloca que a associação comercial de São Sebastião tem cerca de 700 associados em todos os segmentos (hotéis, restaurantes, bares etc.) e que na Costa sul onde temos o maior fluxo de turismo tem apenas 70 associados.

A secretária de Turismo e Cultura acrescenta que: “temos um município com mais de 100 km de extensão, com uma serra no meio que é um grande agente dificultador.

Ainda me relação à dificuldade de conseguir a participação dos empresários, Maria Anita relata que estão montando um novo grupo de trabalho para o Circuito Turístico Litoral Norte que existe a mais de 7 anos.

Maria Anita ainda afirma que há dificuldade inclusive de captação de participantes para as palestras oferecidas pelo SEBRAE.

Maria Anita destaca que devem ser trabalhados os segmentos, que sejam convidados hoteleiros, empresários do setor de Alimentos e Bebidas, com empreendimentos na Costa Sul e no do Centro. E no caso dos lojistas inclusive convidar os da Costa Norte.

Maria Anita cita também o estudo de competitividade dos destinos turísticos realizado pela FGV- Fundação Getúlio Vargas, patrocinado pelo Ministério do Turismo, onde São Sebastião apresentou uma posição muito boa em 80% dos quesitos, mas as piores notas estão em “Marketing” e na “Capacidade Empresarial”. E cita que foi formado um grupo gestor para melhorar este índice de competitividade, com oficinas também patrocinadas pelo Ministério do Turismo e executadas pelo Instituto Marca Brasil e que na terceira oficina só estavam presentes 40% dos membros deste grupo.

A secretária de Turismo e Cultura de São Sebastião se disponibiliza para colaborar com este processo que se inicia nesta oficina.

3. **Plano de Comunicação do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP.** Ana Celina Tiburcio - Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, Especialista em Negócios da Sustentabilidade - CEDS.

Ana Celina apresenta um esboço do Plano de Comunicação do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP (anexo V) e esclarece que este documento será enviado por e-mail para que os participantes da oficina possam fazer suas contribuições.

Paul esclarece que o Plano só será finalizado na última oficina e que hoje é o momento *brainstorming* ou “toró de parpite” e que para sua execução os parceiros deste processo, que se inicia agora, poderão contribuir de diferentes maneiras, com recursos humanos, gráficas etc. Paul ainda afirma que o Plano é um instrumento de aplicação das diretrizes.

Júlio, participante desta oficina, produtor do Programa “Direto das Praias”, criador do Programa Globo Ciência, um profissional da área de comunicação se disponibilizou para contribuir com a elaboração do referido plano.

4. **Marca/Conceito** do Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP de Giuliano Cesar Vieira Silva - Bacharel em Comunicação, Especialista em Negócios da Sustentabilidade - CEDS, apresentada pelo Msc. Paul Dale.

Giul, o criador das propostas de marcas, contratado pelo CEDS, não pôde comparecer ao evento e Paul Dale apresentou-as aos participantes da oficina.

Foram apresentadas três marcas que estão apresentadas no anexo VI deste relatório. Após a realização desta primeira oficina ele desenvolveu mais duas propostas de marcas.

5. **Contribuições feitas pelos participantes da Oficina na Plenária**

Esta primeira parte do relato das contribuições feitas não será apresentada na ordem temporal, mas organizada a partir das perguntas ou considerações direcionadas aos convidados do evento.

- **Ana Carolina de Campos Honora** - Gerente de Conservação Ambiental/Fundação Florestal/SMA-SP

- ✓ Consideração feita pelo **Júlio (produtor do Programa “Direto das Praias”)** – O Programa “Direto das Praias” existe há 10 anos, apresenta, por exemplo, todo o trabalho desenvolvido pelo Fredê no Núcleo São Sebastião do PESM. Júlio tem um projeto fundamentado em cima do Plano de Manejo, desenvolvido por meio de uma OSCIP e gostaria de ser recebido pela FF para que o mesmo seja apoiado.
- ✓ **Roberto Peres (ex aluno do MBA)** - questiona a respeito da situação do píer do Parque Estadual da Ilha Anchieta e da destinação dos recursos arrecadados com a cobrança de ingressos.

Resposta de **Ana Carolina Honora** - O Pier do PEIA⁷ foi embargado pelo IBAMA, pois estava sem licenciamento. Algumas atividades foram suspensas e a retomada destas atividades está vinculada ao avanço deste processo de licenciamento que já foi iniciado, algumas obras já foram feitas, já iniciaram as prospecções de contaminação do solo e já foi destinada uma verba pela Secretaria de Planejamento para estas obras de regularização. E a respeito da cobrança de ingresso o dinheiro arrecadado pelas UCs deve ser integralmente utilizado em projetos voltados ao uso público e o SNUC determina que 50% do recurso tem que retornar para a própria unidade que arrecadou.

- Debatedora: **Maria Ines Ferreira - Empresária**, representante de Ilhabela no Circuito Turístico do LN/membro do Conselho Gestor do PEIB
 - ✓ **Ana Maria da ONG Caeté Eco Lazer** - faz uma complementação a fala de Maria Inês – dizendo que o maior objetivo do projeto é aumentar um dia de visitação na região, ou seja, ao invés do visitante ficar apenas um final de semana, ficaria três dias.

⁷ PEIA – Sigla do Parque Estadual da Ilha Anchieta.

5.1. PLENÁRIA GERAL – composição da mesa com **Msc. Paul Dale** (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP) e Palestrante e Debatedor: **Prof. Dr. Mário C. Beni** (ECA/USP).

Neste item do relatório as colocações feitas foram inseridas na ordem em que foram proferidas.

- **Marco Perrotti – Vila Almares Hotel** (em Maresias)

A princípio ele faz algumas considerações, coloca que não viu nas explanações da parte da manhã ser contemplado o Turismo Pedagógico, nem o Turismo Científico. Ele atua com o Turismo Pedagógico a mais de 10 anos no município, destaca que temos um laboratório vivo e que “as escolas vão muito longe atrás disto, as escolas estão procurando este produto e vai de encontro à sazonalidade por ser um produto que só funciona no calendário escolar”. E afirma que na proposta seria interessante colocar o Turismo Pedagógico para ser fomentado e trabalhado. E em relação às comunidades tradicionais ele cita a Aldeia do Rio Silveira, pois eles recém muito bem o turista, eles têm vontade de melhorar, é de vontade do Cacique e do Pajé, fazer um centro de visitação e eles também trabalham com escolas e universidades.

Em seguida, Marcos pede esclarecimentos a respeito da certificação do município, pois não compreendeu bem quando foi falado sobre isto anteriormente. Ele acrescenta que acha que deva ser valorizado, incentivado aquele que tem uma atitude pró ativa em relação a sua região e a sustentabilidade.

- **Malú Moreira – idealizadora do evento “Terra Deusa: a arte da vida em sociedades sustentáveis”**

O evento ocorre desde 2005, na Costa Sul de São Sebastião, a questão feita pela Malú também é referente a uma possível certificação ou selo, principalmente um selo para as praias. Ela coloca que a Praia do Tombo foi completamente recuperada e tem este selo no Guarujá e como na região temos alguns problemas de infra-estrutura, questões a serem resolvidas a longo prazo talvez isto se aplicasse mais rapidamente a alguns locais específicos.

- **Ana Maria - ONG Caeté Eco Lazer**

Ela gostaria de saber qual será a força política do processo de desenvolvimento das diretrizes, ela afirma que: “que todo o repertório dos setores que o turismo envolve está relacionado com políticas públicas, relacionado com projetos dentro dos municípios, dentro das prefeituras, de recursos, recurso público, recurso privado”. Ana continua e questiona a respeito do encaminhamento e após a participação das oito oficinas será desenvolvido um *paper* e ela quer saber para quem será encaminhado este *paper*, para o Estado ou para as prefeituras. Ela faz uma colocação a respeito do processo de 5 anos desenvolvendo o “Plano Regional de Desenvolvimento Sustentável” dentro da Agenda 21 e que hoje não gera nenhum efeito devido ao não comprometimento do poder público. Ela afirma que é preciso que seja definido através de lei os recursos destinados para estas ações previstas.

- **Msc. Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)**

Paul esclarece que a posição da mesa é de mediação, provocação de algumas questões, de controle do tempo, mas que nas respostas todos podem participar.

- **Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)**

Beni ressalta a necessidade de uma governança regional e coloca que se o grupo imaginar que este planejamento estratégico dependa do posicionamento de uma secretaria de turismo de Estado ou de um ministério, ou de qualquer outra instituição governamental, irá acontecer o que a Ana colocou, ou seja, nada. Beni relembra que uma das primeiras questões levantadas em sua fala foi a criação de uma agência de desenvolvimento regional, com um modelo um pouco diferente do que vem ocorrendo, Beni acredita que deva ser uma agência de direito privado com um conselho de administração sugerido, indicado e composto pelos quatro municípios que integram a região, ou seja, ele destaca a necessidade de uma instância de governança regional, que pode ou não ser uma agência de desenvolvimento regional.

- **Msc. Paul Dale** (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)

Paul coloca que nestes quase 20 anos em acompanhamento de projetos, sendo boa parte da área de turismo, o que ele tem visto é que quando a gente espera um projeto ou dinheiro de alguma fonte de recursos, sem olhar para aquilo que a gente pode fazer, o que acaba acontecendo é que a gente acaba se alimentando apenas com a duração daquele projeto e um pouco mais.

Paul acrescenta que a expectativa é de propor aqui é que consigamos juntos criar uma coisa combinada entre projetos que possam vir de fora que sempre irá precisar de recursos para executar as ações e outras articulações que possamos fazer.

Paul cita a fala da Carol Honora da FF que diz “mandem e organizem suas propostas” e ela apresenta um desenho de aproximação grande com a idéia de criação das diretorias regionais, estamos com a presença das prefeituras, da Secretaria de Turismo de Estado que fará parte tecnicamente do processo, além disto, o ministério que estará vindo para participar, ou seja, devemos criar alternativas. Paul acrescenta que este desenho de governança é um pouco esta mistura, de atuarmos como sempre fizemos, captamos um recurso avançamos mais um pouco (“em solavancos”) aliado a esta articulação.

Sobre a questão da segmentação, Paul esclarece que a proposta ainda não está limitada a um segmento ou outro, mas que a idéia é trabalhar com o planejamento de vários segmentos e que a respeito do Turismo Científico, temos inclusive o Ecoprojeto do Iraê que trata deste segmento. Patricia Ortiz faz uma consideração e acrescenta que a dúvida deva ter surgido pelo fato de não ter aparecido na explanação dela o segmento de Turismo Pedagógico, nem o Científico, mas ela esclarece que foram apenas exemplos inseridos e que a proposta não está fechada.

Paul elogia a proposição de trabalharmos com a Aldeia do Rio Silveira.

Paul começa sua fala a respeito das dúvidas relacionadas à questão da certificação e coloca que temos dois caminhos: trabalhar com a certificação que já existe, são vários os certificados existentes, há um estudo da WWF do Reino Unido que elenca mais de 100 selos de turismo sustentável no mundo inteiro e a confusão tamanha que gera para o mercado a existência de tantos selos e isto gerou na época a necessidade “de trabalhar com uma espécie de

guarda chuva que pudesse unificar princípios mínimos de sustentabilidade desses selos para tentar organizar este processo”.

Paul relata que foi criada a versão brasileira deste processo que é “o Conselho Brasileiro de Turismo Sustentável, que avançou com princípios, com critérios, teve um filho que é o PCTS, que é o Programa de Certificação em Turismo Sustentável, que gerou uma norma para certificação de Meios de Hospedagem” e afirma que o que se pretende “aqui neste processo de diretrizes, não é eleger um ou outro processo de certificação, mas é reconhecer aqueles processos de certificação que sejam adequados para aquilo que a região reconhecer como tal”. E coloca que: “dos 100 selos que tem validade no mundo inteiro ou mais a partir de princípios mínimos, a sociedade e o grupo aqui decidiu que vai aceitar cinco ou seis por tais destas razões” e não importa se depois aparecerem outros selos, o que importa é se eles atendem a estes princípios mínimos.

Paul ainda acrescenta que normalmente os princípios de certificação são feitos para empreendimentos e que raramente temos a certificação de roteiros e esclarece que estamos trabalhando nas diretrizes para o turismo sustentável do litoral norte, e afirma:

“é um roteiro, é uma região e se a gente está qualificando isto como turismo sustentável a gente está discutindo o que é ser sustentável ou não, então mais ou menos estamos querendo dar uma certificação e isto em termos de marketing é um posicionamento que a secretaria de turismo pediu para gente, vocês são do circuito turístico e qual o posicionamento que vocês estão colocando é de sustentabilidade? Agora o que significa isto para que todo mundo no mundo inteiro e é mundo inteiro, a gente está falando da Copa, das Olimpíadas, de um destino turístico internacional, ou seja, o que as pessoas vão entender quando elas olharem para a sustentabilidade do litoral norte? [...] É este o desenho a gente tem que trabalhar para este processo de integração.”

Malú Moreira retoma sua dúvida e pergunta se a “Bandeira azul” é selo ou é uma certificação.

Paul esclarece que recebe um selo, mas que o processo é de certificação. E ainda complementa dizendo que inclusive pode perder o selo, cita um exemplo em Santa Catarina que teve uma praia que perdeu o selo, isto ocorre a partir de “denúncias, de avaliação periódica surpresa ou já marcada”. Paul acrescenta que: “a idéia é tentar marcar uma estrutura dentro deste grupo de

diretriz que possa casar com todos estes processos de selo, diplomação” e relata que a equipe utilizou o termo diplomação para fugir um pouco desta questão de selo ou certificação, a idéia é trabalhar com a diplomação.

- **Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)**

Beni coloca que: “a Organização Mundial do Turismo tem muita dificuldade de lidar com esta pluralidade e complexidade que se chama certificação, é um assunto polêmico na OMT”. Beni pertenceu ao comitê de ética da OMT por quatro mandatos e relata que esta questão era sempre muito polêmica e que na verdade o que se pretendeu implantar era uma certificação de destino o que nunca foi definido qual seria esta certificação de destino e relata que hoje o que temos é apenas a certificação de empreendimento, de elementos isolados que compõem o espaço turístico (meios de hospedagem, praia etc.), mas não há ainda uma certificação de destino, em alguns países como a Suécia e alguns países da região começaram a fazer uma tentativa, mas não é reconhecida pela OMT.

- **Sabrina (Secretaria de Turismo de São Sebastião)**

Sabrina faz um comentário a respeito da governança que está se pretendendo criar e diz que já existe um Fórum de Turismo Regional, cuja coordenação está com São Sebastião, acrescenta que já fazem um trabalho para captar uma agência e diz que estão “trabalhando junto ao Circuito Turístico, ou seja, é só uma questão de afinar, porque o objetivo é o mesmo” e afirma que na verdade o Circuito Turístico é um complemento do que estamos fazendo nesta oficina, “capacitação do empresariado, capacitação de gestão pública em turismo”.

- **Lucila (Gestora da APA Marinha do Litoral Norte)**

Lucila aponta uma possível preocupação de alguns presentes: “Fazer diretrizes pra quê?” Lucila destaca que temos presentes no evento pessoas e instituições que fortalece muito o grupo e que estas diretrizes que serão o posicionamento do grupo em relação à sustentabilidade são o que vai nos dar, por exemplo, o selo da região. E ainda afirma que esta região é mais do que tudo uma região conservada e conservada devido à presença das unidades de conservação.

Lucila sugere que começamos a pensar em Mosaico, Mosaico de Unidades de Conservação e um selo para esta região que seria um selo do Mosaico e

acrescenta que o grupo terá que se envolver com os fóruns existentes e trazer para o grupo as instituições e se este processo se tornar uma força regional e territorial as diretrizes podem vingar.

- **Edson Lobato (Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP)**

Edson Lobato (Fredê) aborda também a questão de trabalhar o conjunto das unidades de conservação como Mosaico, lembra que está prevista uma oficina que irá apresentar esta proposta e ele coloca que eles, gestores de UCs, têm uma lição “chapa branca” que é trabalhar esta questão formalmente, para ser outorgado, para que este Mosaico seja formalmente constituído. E esclarece que a oficina prevista irá trabalhar como iremos inserir todas estas demandas do trade, das populações tradicionais e de todos os atores sociais.

Fredê ainda destaca a presença dos secretários de Meio Ambiente dos municípios de São Sebastião (Eduardo Hipólito) e de Ilhabela (Catolé), a secretária de Turismo e Cultura de São Sebastião (Maria Anita) que devido a outros compromissos ainda não estava presente, mas que virá mais tarde prestigiar o evento e argumenta que esta mobilização citada pelo professor Beni está nas mãos dos presentes e que o *trade* se mobiliza a partir do momento que percebe a organização do processo.

Fredê cita um exemplo positivo o Marco Perrot, que traz o ano inteiro turistas para o hotel dele (Vila Almares Hotel) leva para o parque e trabalha a educação ambiental. E cita um exemplo negativo e indignado questiona-se: “como que o Tuim Parque, fecha suas portas em São Sebastião? Um parque temático voltado ao Turismo de Natureza, com tirolesa [...]” e afirma que mesmo que não tivesse estrutura alguma, o Sertão da Barra do Una é um lugar maravilhoso, Fredê usa a expressão “playcenter da natureza” para se referir ao parque. Fredê reforça a necessidade da mobilização e da governança e volta a citar o segmento de Turismo Pedagógico e Turismo Científico que talvez possam ser eleitos pelo grupo como prioritários.

- **Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)**

Beni retoma a discussão a respeito da criação de uma agência de desenvolvimento regional e esclarece não necessariamente precisa ser uma agência especificamente de turismo e ainda acrescenta que “a rigor nem

deveria ser, porque o turismo é uma atividade intersetorial, transdisciplinar e exige transversalidade”.

Beni coloca que se é criada uma agência de desenvolvimento regional de turismo começa a se estabelecer limitações, então o professor cita que o ideal é uma agência regional de desenvolvimento com um grupo gestor de turismo. Professor argumenta que se perde muito tempo pela falta de integração com outros setores e exemplifica que a Secretaria de Turismo do Estado faz constantemente estudos regionais e se esquece que o Estado tem uma Secretaria de Meio Ambiente, tem uma Secretaria de Recursos Hídricos que estuda as Bacias Hidrográficas há 30 anos e não vai buscar elementos para a realização de estudos específicos de turismo e destaca a importância da participação do Comitê de Bacias Hidrográficas.

Beni relembra que os exemplos citados por ele como a “Atua Serra” da Serra Gaúcha, não é uma agência de desenvolvimento turístico da Serra, ela é uma agência de desenvolvimento regional, e que tem um grupo gestor de turismo atuante, representado pelo trade, pela universidade que media o processo. Beni acrescenta que se a gente começar a nos fechar entre nós mesmos deixamos de ter as características de transversalidade e de intersetorialidade que nós precisamos.

- **Roberto Peres (ex aluno do MBA)**

Roberto questiona acerca do incentivo ao aumento do fluxo turístico em uma região que não tem saneamento básico.

- **Rui (Instituto da Árvore de Ubatuba)**

Rui se refere ao Turismo Pedagógico e coloca que nem as próprias escolas da região conhecem suas unidades de conservação. E que se fossem utilizadas as estas áreas como laboratórios vivos pelas escolas da região já teríamos uma mão-de-obra qualificada e ele cita que há crianças da região que não conhecem o mar.

- **Juarez (monitor ambiental e formando em gestão empresarial pela FATEC)**

Enfatiza a importância do Turismo Pedagógico e a sugestão de Marco Perrotti de trabalhar com a Aldeia do Rio Silveiras e afirma que poderíamos nos dividir

em grupos de trabalho de cada município para propor trilhas e pensar em produtos vendáveis. E ainda trabalhar na imagem do Litoral Norte.

Juarez comenta também sobre a oportunidade com a Copa de 2014 e Olimpíadas em 2016 para os negócios sustentáveis.

- **Jorge Guaraci (Prefeitura de Ilhabela)**

Jorge apresenta sua preocupação de perdermos o rumo do nosso propósito, de fugirmos da pauta que são as diretrizes e tratarmos de questões mais particulares.

- **Catolé (Secretário de Meio Ambiente de Ilhabela)**

Informa que foi desmarcada uma reunião do Conselho de Meio Ambiente de Ilhabela para que os membros pudessem estar presentes nesta oficina e informa que nesta data também estará sendo realizada uma reunião do CBH. Catolé solicita a unificação das agendas e afirma que o trabalho deve ser em conjunto, mas acrescenta que nem nas próprias prefeituras conseguem trabalhar em conjunto e desabafa que está tentando fazer uma reunião com as quatro secretarias do meio ambiente para discussão de consórcio intermunicipal de resíduos, mas que está tendo dificuldades. Cita ainda o segmento do Turismo Cultural que deve ser trabalhado.

- **Dra. Patricia Ortiz - coordenadora da oficina, Dra. Ciências Ambientais/UNITAU.**

Patricia esclarece que o CBH foi consultado, mas que eles tiveram que marcar a reunião deles nesta data por falta de agenda do grupo, mas que eles marcaram após a definição da data desta oficina.

- **Lucila (Gestora da APA Marinha do Litoral Norte)**

Lucila também aborda a problemática de conciliar agendas entre os diferentes grupos de trabalho regionais e acrescenta que no litoral norte há três fóruns relacionados à sustentabilidade que é: Agenda 21, Comitê de Bacias Hidrográficas e o Conselho Gestor da APA Marinha. Hoje o site do comitê tem uma agenda regional onde os próprios grupos registram as datas de suas reuniões.

- **Leonardo Cunha (CEDS)**

Leonardo defende a idéia de neste primeiro momento trabalhar com uma instância de governança supramunicipal, mas sem deixar de pensar na possibilidade de uma supraestadual, devido à importância de considerar a região que já foi chamada de Costa verde, que inclui Paraty e Angra dos Reis. Ele utiliza a Rodovia Rio-Santos como referencial de região e destaca que o Rio de Janeiro é porta de entrada de estrangeiros no país, e que Paraty é sede de eventos internacionais e se localiza a alguns minutos de Ubatuba.

Leonardo cita também as oportunidades da Copa do Mundo e Olimpíadas e acrescenta que em um processo de planejamento não podemos nunca olhar apenas para o objeto em si, mas sim para onde ele se insere.

Desta maneira ele acredita que possamos colocar o litoral norte paulista em um cenário de turismo internacional.

- **Arturo (empresa de Consultoria Conecta Tecnologia Socioambiental)**

Arturo relata que estão trabalhando em programas de implementação de Sistema de Gestão de Sustentabilidade de Meios de Hospedagem de acordo com a norma da ABNT e um dos problemas que tiveram para atender os requisitos da norma foi a questão do saneamento para os meios de hospedagem em Ilhabela onde não há rede de esgoto. Os novos empreendimentos já possuem um sistema de tratamento individual, embora ainda não exista um monitoramento destes sistemas.

Arturo relembra da fala do professor Mário Beni, sua participação como gestor do Plano de Desenvolvimento Turístico Integrado de Ilhabela e que foi considerada a construção de um emissário submarino. Arturo descreve a situação precária nesta área em Ilhabela e sugere que sejam feitas políticas que envolvam tecnologias mais modernas. O questionamento de Arturo é como podemos equacionar estas diretrizes de turismo sustentável para promover políticas públicas que de fato solucionem esta problemática do saneamento. Arturo acrescenta que se não tivermos força política para que estas políticas favoreçam a região não iremos avançar.

- **Milena Franceschinelli (Fundação Alvanca)**

Milena relata sobre uma iniciativa que está sendo desenvolvida no litoral sul que visivelmente apresenta ações abrangentes que é a criação de um conselho atrelado a um fundo regional e reafirma a fala da Ana Olinda que sem dinheiro não conseguiremos resultados positivos. Para exemplificar, ela cita que este Fundo é responsável por uma grande obra que será a ligação entre Santos e Guarujá por um túnel subterrâneo. Milena acha interessante conhecermos melhor este trabalho, pois, trata-se de um exemplo a ser seguido.

- **Prof. Dr. Mário C. Beni (ECA/USP)**

Beni acrescenta que quando ele fala da necessidade de acrescentar o político institucional em um cenário de sustentabilidade, é para reforçar a necessidade uma governança regional. Turismo envolve intersectorialidade, transversalidade por isto o professor defende que esta governança, esta instituição de gestão de desenvolvimento regional, não deva se limitar ao turismo deva envolver todos os aspectos do desenvolvimento, por isto ele citou a participação do Comitê de Bacias Hidrográficas.

E a respeito do saneamento, o professor ressalta que a solução não é a construção de um emissário oceânico, mas sim um trabalho que começa com o tratamento de esgoto de Ilhabela até o emissário oceânico para o lançamento final deste esgoto tratado e afirma que estas recomendações constam no Plano de Desenvolvimento Turístico Integrado de Ilhabela, as obras evidentemente não foram executadas por falta de recursos municipais, daí a importância da transversalidade. O professor acrescenta que inclusive foram dimensionados os recursos necessários para que seja feita a rede de esgoto e disposição final e que este assunto apenas reforça a idéia inicial colocada por ele sobre a necessidade da agência ser mais ampla para tratar de aspectos intersectoriais pelos quais o turismo perpassa.

Em meio a esta questão Beni cita o caso de Florianópolis, que até hoje não tem rede de esgoto, as residências têm sistemas individuais de tratamento químico.

- **Msc. Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)**

Paul relata sobre a questão da definição de indicadores para as diretrizes traçadas e cita exemplos.

Paul cita a Metodologia ROS, que em português significa Espectro de Oportunidade de Recreação, e esclarece que se trata de assumir que é possível reduzir os impactos de um determinado local a partir da realocação da mesma quantidade de visitantes por hora, por dia, por semana e por ano em momentos diferentes do dia e em locais novos, com atividades diferentes e até a partir de perfis diferentes.

Paul cita a manchete de pior índice de coleta de esgoto do estado em Ilhabela e afirma que este é o tipo de divulgação que prejudica a imagem da região como um todo.

- **Edson Lobato (Gestor do Parque Estadual da Serra do Mar /Núcleo São Sebastião/ FF/SMA-SP)**

Fredê afirma que hoje são R\$209 bilhões do Pré-Sal destinados para o litoral paulista inteiro e ressalta que este investimento vem de qualquer forma. E coloca que devemos buscar estes recursos para traçar um caminho para a sustentabilidade. As outras economias que já estão aqui não são sustentáveis, então nós não temos outra opção, devemos nos focar nas diretrizes para o turismo sustentável, pois, este é o caminho. E ainda coloca que se formos discutir a questão do saneamento, daqui a pouco estaremos discutindo segurança, pois também não tem turismo sem segurança.

Roberto Peres faz mais algumas considerações acerca desta temática se referindo à pressão que a região sofre.

- **Msc. Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)**

Paul responde ao Juarez que comentou a respeito da seleção participativa de produtos regionais e informa que esta temática será trabalhada em uma das oficinas previstas e acrescenta que também foi o tema central de um seminário de turismo sustentável do CEDS, realizado em 2009 e que inclusive contou com a participação de Luciana Paolucci, uma das orientadas do Prof. Beni.

Em relação aos Fundos, que foram citados pela Milena, Paul relata que representou a Secretaria do Meio Ambiente de Estado na criação do Fundo de

Desenvolvimento do Vale do Ribeira, que foi criado pelo então Governador Mário Covas, com o dinheiro do ágio da venda do gás, no valor de R\$95 milhões. Este Fundo foi destinado à região do Vale do Ribeira através da Agenda 21 para o Vale do Ribeira, que engloba 16 municípios, 16 mil quilômetros quadrados, com uma grande quantidade de atrativos e uma diversidade cultural enorme. Paul cita este exemplo para destacar que o dinheiro sozinho não basta, que se não houver um empoderamento, uma organização das diretrizes, se não tomarmos as “rédiás” do processo, nem com bilhões conseguiremos ter resultados positivos.

Paul aborda a questão colocada pelo Leonardo, e coloca que estamos trabalhando com a articulação intraregional e a articulação supraregional. Paul cita o exemplo do PNUMA, que talvez esteja acompanhando este grupo na próxima oficina, que trabalha com a auto-sustentabilidade para Paraty e afirma que meio ambiente não tem fronteira, turismo não tem fronteira, a questão cultural também não, mas algumas outras questões têm, como, por exemplo, os orçamentos públicos, a gestão de cada município, etc. Paul coloca que a questão talvez seja fazermos com que todos saiam ganhando, defendendo os interesses de todos e que é este o desenho das diretrizes.

- **Leonardo Cunha (CEDS)**

Em relação à questão do orçamento, Leonardo cita alguns exemplos de projetos com recursos federais.

- **Msc. Paul Dale (mediador da oficina, Vice Diretor DRPE/Instituto Florestal/SMA-SP)**

Paul faz um encerramento retomando algumas questões já apresentadas acerca do desenho das diretrizes e dá encaminhando as próximas atividades do evento.

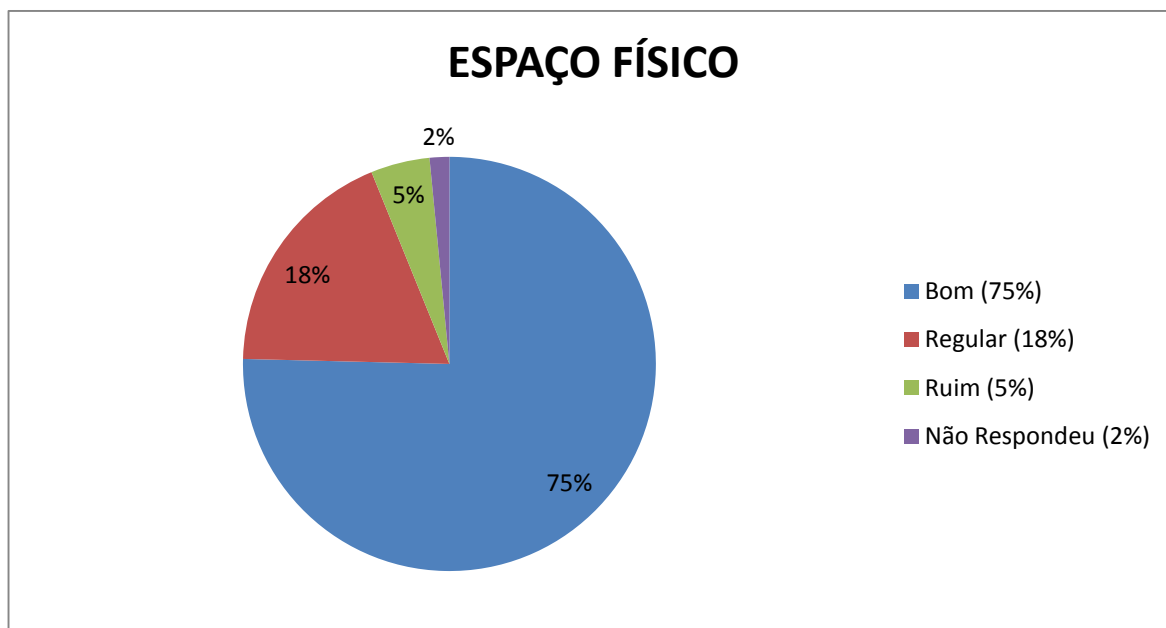
6. Tabulação dos questionários de avaliação da Oficina

A Oficina para elaboração de Diretrizes para o “Programa de Apoio ao desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte –SP”, contou com a presença de 120 participantes dos 130 que tinham sido inscritos. Os questionários de

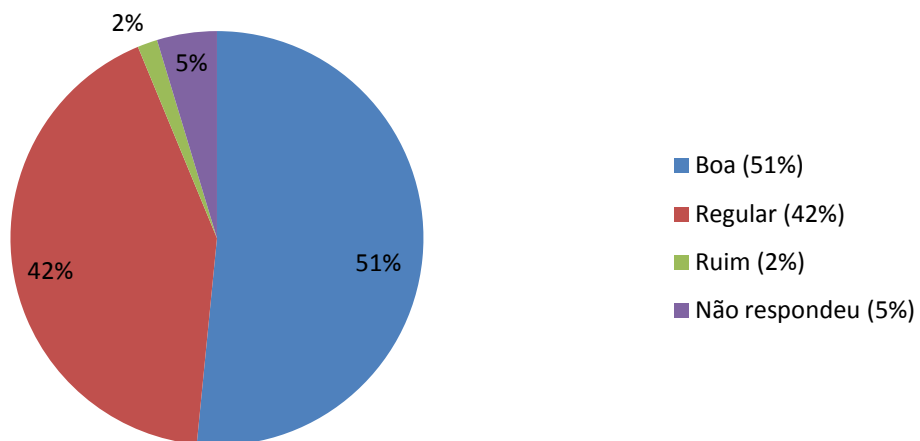
avaliação aplicados nesta oficina foram respondidos por uma parcela destes participantes, um total de sessenta e cinco.

O referido questionário proposto (modelo anexo) continha questões referentes ao espaço físico, a programação do evento e a divulgação, além do interesse dos mesmos em participarem das demais oficinas previstas: Nivelamento de conceitos em Turismo Sustentável; Seleção participativa de produtos regionais; Valoração ambiental; Certificação de produtos e serviços; Turismo Sustentável e experiências exitosas; Proposta do Mosaico do Litoral Norte/SP e Turismo Sustentável e Plano de Comunicação e Marketing. E ao final foi deixado um espaço para sugestões e críticas. Dentre os sessenta e cinco participantes que responderam ao questionário, vinte e quatro preencheram este espaço destinado às sugestões e críticas.

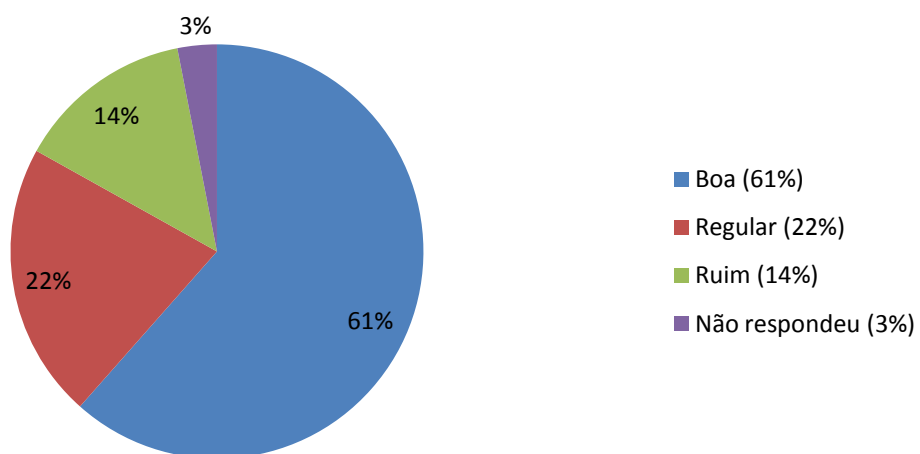
Para melhor compreensão dos gráficos apresentados, vale esclarecer que as questões fechadas (referentes ao espaço físico, a programação do evento e a divulgação) foram representadas em gráfico “pizza” com valores percentuais, por exemplo, na primeira questão referente ao espaço físico, 75% dos participantes que responderam ao questionário avaliam o espaço como “bom”. Já as questões abertas em gráfico de “colunas” em valores absolutos, por exemplo, na questão referente ao interesse em participar das oficinas, temos 51 pessoas interessadas em participar da oficina de “Nivelamento de conceitos em Turismo Sustentável”.

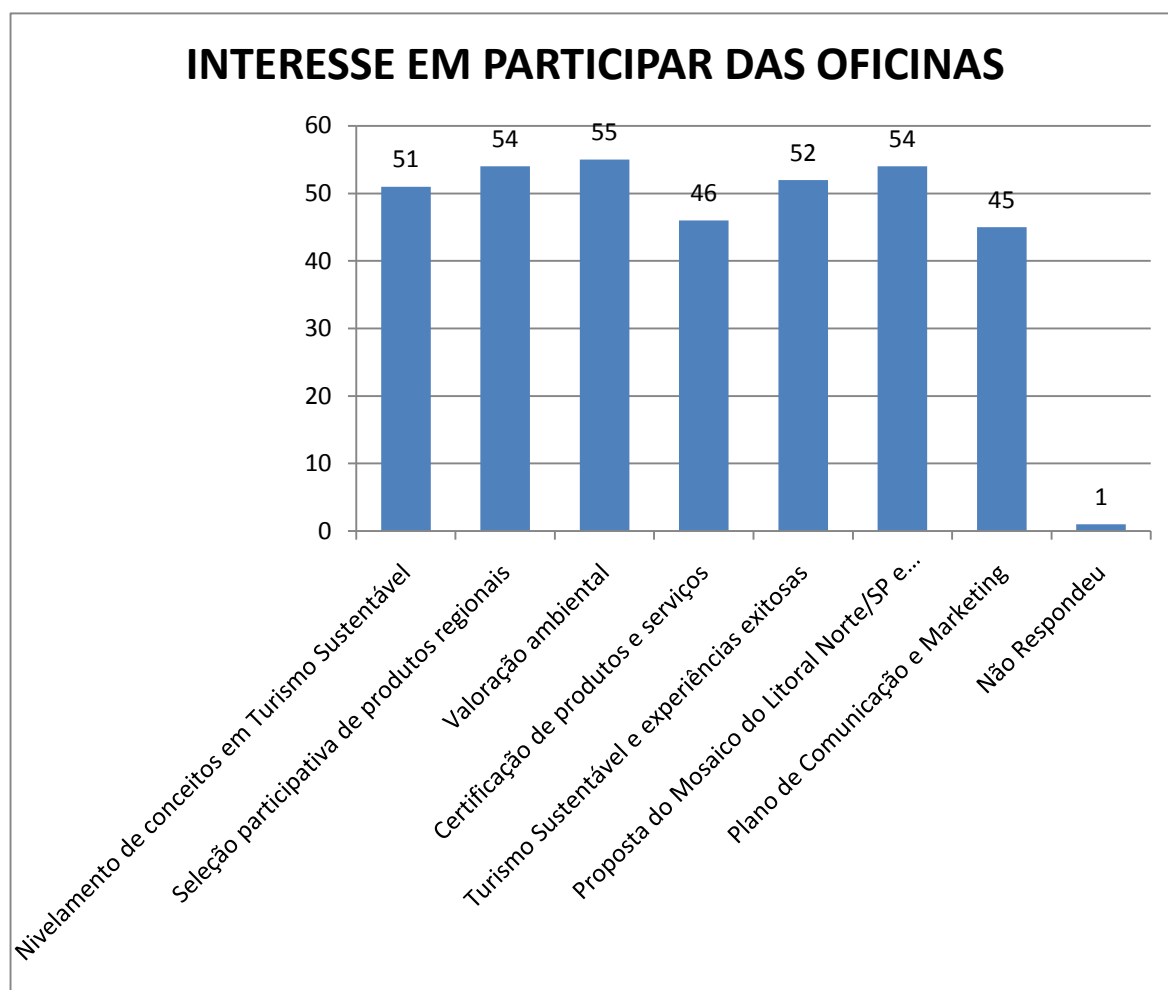


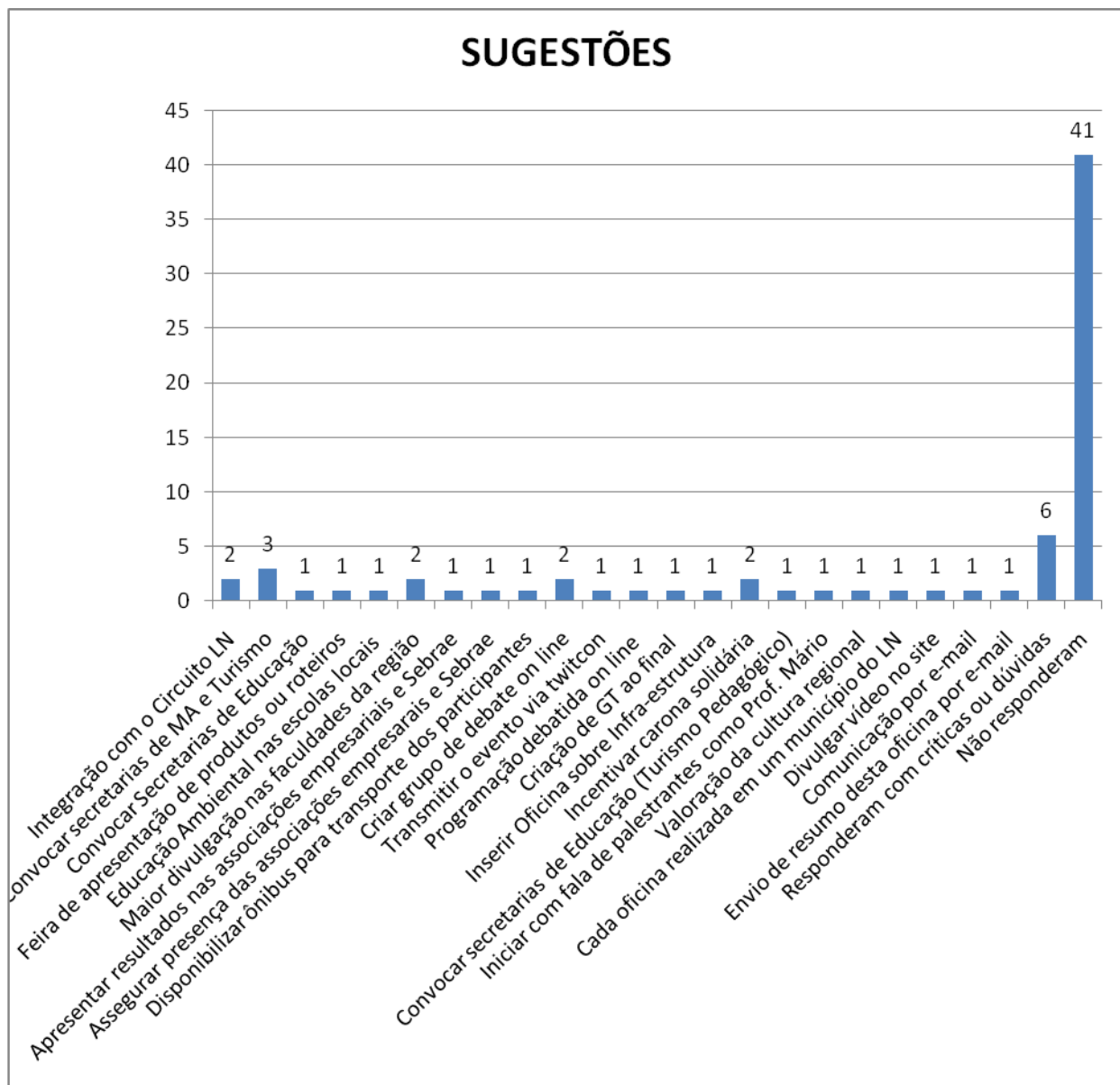
PROGRAMAÇÃO

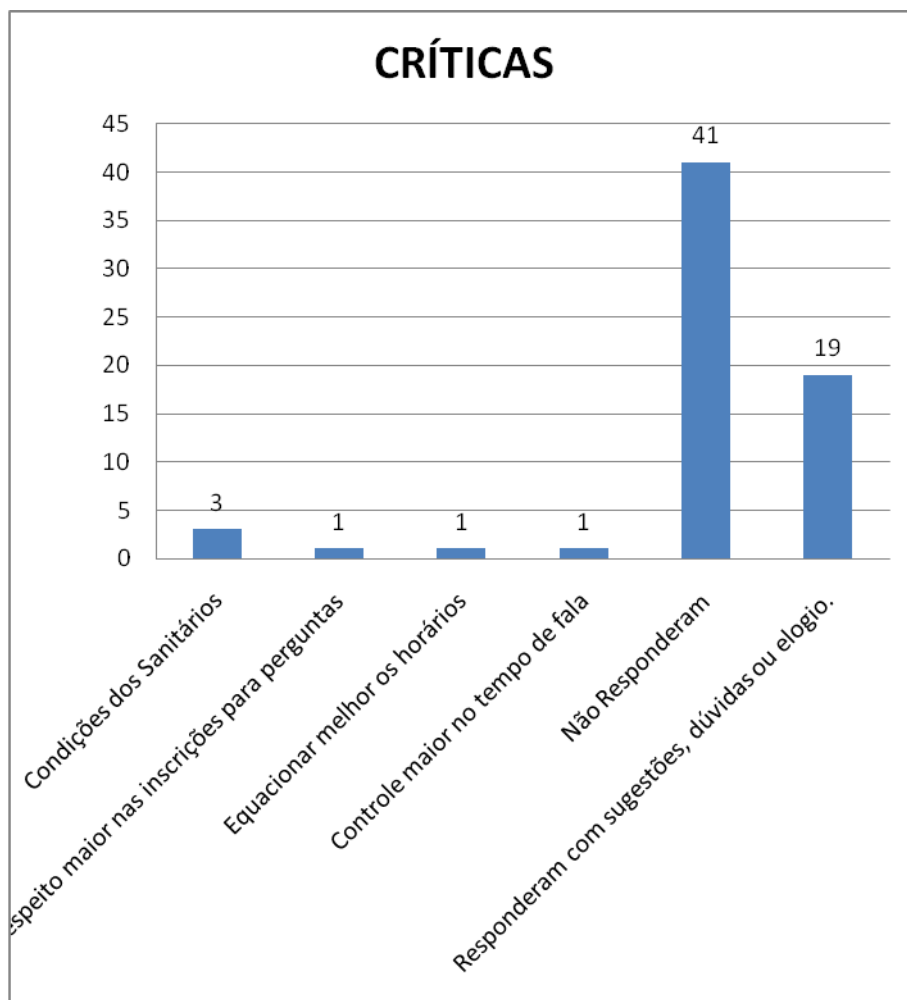


DIVULGAÇÃO









DÚVIDAS

- "Espero que o diálogo resulte em uma importante ferramenta de desenvolvimento (verdadeiro) ao turismo do LN"
- "Será que as opiniões das pessoas [...] vão fazer alguma diferença para o corpo organizacional?"

ELOGIO

"A organização e tudo mais está perfeito: não vejo à hora de participar do próximo. Parabéns!!!" (Maria da Penha M. Gomes)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No evento realizado podemos destacar alguns pressupostos, sendo alguns deles citados repetidas vezes pelos participantes, como:

- A necessidade de um grupo gestor, uma instância de governança e a integração com o Fórum Regional do Litoral Norte;
- A possível criação de uma Agência de Desenvolvimento Regional, não especificamente de turismo, mas com um grupo gestor de turismo;
- A criação de um Fundo para subsidiar ações deste Grupo Gestor;
- A integração com o Mosaico de UCs do Litoral Norte e a possível criação de um Selo do Mosaico;
- Priorizar, além dos segmentos de Ecoturismo, Turismo Náutico e Turismo de Aventura, já citados anteriormente, inserir o Turismo Pedagógico e Turismo Científico;
- Mobilizar o *Trade* para participação do processo, inclusive das oficinas;
- Mobilizar o Comitê de Bacias Hidrográficas para participação;
- Criar grupos de trabalho temáticos (a sugestão dada nesta oficina foi a divisão por municípios) para discussão nas próximas oficinas e que ao final do evento as considerações de cada grupo sejam colocadas em pauta para discussão na plenária geral.
- Conciliar agendas entre os diferentes grupos de trabalho regionais consultando e registrando as reuniões no site do Comitê de Bacias Hidrográficas do LN/SP.
- Inserir a problemática do saneamento básico da região como uma das prioridades.

Citadas abaixo, temos considerações complementares da relatoria da oficina após reflexão realizada com base na análise das colocações feitas no evento para serem apresentadas aos partícipes deste processo:

- Utilizar material técnico produzido por grupos de trabalho ou projetistas da região como o “Plano de Desenvolvimento Sustentável” da Agenda 21; Projeto do Circuito Litoral Norte; Ecoprojeto de Turismo Científico do CEDS e ONG Alnorte (coordenador Iraê Abate); Ecoprojeto de Turismo de Base Comunitária do CEDS e Instituto Costa Brasilis (coordenadora Mariane Checon); Projetos Turísticos patrocinados pelo FEHIDRO (Fundo Estadual de Recursos Hídricos).
- Disponibilização dos documentos técnicos citados no tópico anterior, bem como os relatórios gerados pelo CEDS dos eventos realizados no site do Instituto Argonauta na página do Centro de Documentação do Litoral Norte do Estado de São Paulo.⁸
- Convidar alguns atores sociais presentes nesta primeira oficina para contar suas experiências na Oficina “Turismo Sustentável e experiências exitosas”, como: Marcos Perrotti - Vila Almares Hotel (em Maresias) que trabalha com Turismo Pedagógico, Malú Moreira – idealizadora do evento “Terra Deusa: a arte da vida em sociedades sustentáveis”, Iraê Abate coordenador do Ecoprojeto de Turismo Científico; Mariane Checon, coordenadora do Ecoprojeto de Turismo de Base Comunitária do CEDS.
- Pedir apoio aos participantes da primeira oficina na divulgação das demais.
- Reunir representantes da maioria dos grupos de trabalho regionais nas próximas oficinas.

Em relação à participação dos atores sociais regionais, dos 130 inscritos, tivemos 120 presentes, e ao final, às 17h, ainda tínhamos a plenária com 40 pessoas.

Parte dos participantes desta primeira oficina preencheu a um questionário de avaliação e no espaço destinado a sugestões e críticas, algumas pessoas expressaram o desejo de que este processo realmente apresente resultados concretos e alguns pareceram inclusive duvidar que isto ocorra, o que é compreensível, afinal este não é o primeiro grupo a se reunir em prol da

⁸ Idealizado pelo Instituto Argonauta e criado no contexto dos Ecoprojetos do CEDS sob a coordenação de Roberta Pedroso em 2009.

sustentabilidade regional. Gostaria de finalizar este relatório citando novamente uma frase proferida pelo professor Dr. Mário Beni neste evento:

“Somos o que mudamos, sobretudo quando mudamos o que somos!”.

Convênio:



REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARDOSO, Roberta de Carvalho. **Dimensões Sociais do Turismo Sustentável: estudo sobre a contribuição dos resorts de praia para o desenvolvimento das comunidades locais**. 2005. 264 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/dspace/handle/10438/2533?show=full>>. Acesso em: 10 out. 2010, 20h15.

COMDIAL/CEDS Real Norte, Petrobras, UniSantos. **Relatório Final do Seminário: “Turismo Sustentável no Litoral Norte de SP: Desenvolvimento Participativo de Produtos Sustentáveis de Turismo Regional”**. São Sebastião, 2010.

FENNELL, David A. **Ecoturismo: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2002.

SCHÄRER, René. **O Turismo Sustentável na Prainha do Canto Verde**. In: CORIOLANO, Luzia Neide Menezes (org.). **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.

BRAZILTOUR. Definição de Turismo Sustentável da OMT. Disponível em: http://www.braziltour.com/site/br/dados_fatos/conteudo/ver.php?in_secao=311&idConteudo=31. Acesso em: 14 dez. 2009, 10h30.

Anexo I. Referência bibliográfica dos slides utilizados pelo Prof. Dr. Mário Beni em sua explanação.

BECATTINI, G. *Mercato e forze local: Il distretto industriale*. Bologna: Il Mulino, 1987.

_____. *Distretti industriali e mode in Italy le basi sócio-economiche dello sviluppo italiano*. Torino: Bollati Boringhesi, 1998a.

_____. *Il distretto come comunita di popolazioni organizzative. Il caso Prato, Quaderni RIS nº6*, Prato 1999. trata Esta referencia é de uma revista? Se for livro, é necessário colocar editora e cidade.

BENI, M.C.: *Política e planejamento de turismo no Brasil*, São Paulo: Aleph, 2006.

_____: vários textos e palestras realizados no período de 2005/2008 relativos ao assunto.

http://www.igc.sp.gov.br/mapras_bsantista.htm

http://www.agem.sp.gov.br/projetos_pdtur.htm

PERROUX, F. Economic space: theory and applications. In: Silva, J.A.S.. *Turismo, crescimento e desenvolvimento*. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo.

ROCHEFORT, M. *Redes e Sistemas: ensaiando sobre o urbano e a região*. São Paulo: Hucitec, 1998.

TOURRAINE, A. in CASTELLS, Manuel *A sociedade em Rede*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

Anexo II. Convite da Oficina



CEDS
Litoral Norte

**Diálogo para a
Sustentabilidade**
www.cedslitoral norte.org.br

Oficina para elaboração de Diretrizes para o “Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte-SP”

DATA: 18 DE OUTUBRO (TERÇA-FEIRA), DAS 9 ÀS 17HS.

LOCAL: FAZENDA SANTANA São Sebastião: Rod. Doutor Manuel Hipólito Rego, nº 1579 (Rod. Rio Santos – Bairro Pontal da Cruz)

INFORMAÇÕES SOBRE INSCRIÇÕES:

Email: cursos@cedslitoral norte.org.br

Telefone: (12) 3892.3610

O Turismo Sustentável foi eleito pelo Comitê do Diálogo para a Sustentabilidade (COMDIAL) como norteadora das ações previstas para 2011/2012 em função da evidente importância econômica, cultural, social e ambiental que esta atividade representa na região. Estamos realizando a primeira oficina, de oito interligadas, com a participação do poder público local, das Unidades de Conservação, das instituições de ensino e pesquisa, das entidades da sociedade civil, do Trade Turístico atuante na região, entre outros atores sociais.

Esta proposta, realizada em parceria com as Unidades de Conservação, pretende instrumentalizar a região para as etapas iniciais do **Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável no Litoral Norte Paulista**, dando seguimento aos investimentos afins já realizados no presente Convênio, e em consonância com o seu Plano de Ação, dando destaque para:

- (1) Redação participativa de diretrizes de Turismo Sustentável para o LN-SP;
- (2) Capacitação de diferentes atores;
- (3) Seleção participativa de produtos regionais;
- (4) Plano para a Certificação de produtos e serviços;
- (5) Apoio à implementação do Mosaico de Unidades de Conservação;
- (6) Valoração ambiental;
- (7) Plano de Comunicação e Marketing;

Convênio:



(8) Experiências exitosas entre o primeiro, segundo e terceiro setores (parcerias, sinergias, concessões);

Considerando os grandes investimentos que ocorrem no Litoral Norte, aproveitando o momento especial em que vivem as Unidades de Conservação na elaboração e implantação de seus planos de manejo, além da expectativa de realização dos grandes eventos previstos para ocorrer no país (Copa do Mundo 2014 e os Jogos Olímpicos 2016), entendemos que esse é um momento único para consolidar-se como região Mosaico de Unidades de Conservação mobilizada para a questão do Turismo Sustentável, atentando às oportunidades de geração de negócios e de renda, equilibrando dinamismo mercadológico com valorização dos matizes culturais e ambientais, com visão de longo prazo.




Convênio:






Convênio:



Anexo III. Modelo de questionário de avaliação

Oficina para elaboração de Diretrizes para o "Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte-SP"		Tem interesse em participar das demais oficinas?
Espaço Físico	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Nivelamento de conceitos em Turismo Sustentável; <input type="checkbox"/> Seleção participativa de produtos regionais; <input type="checkbox"/> Valoração ambiental; <input type="checkbox"/> Certificação de produtos e serviços; <input type="checkbox"/> Turismo Sustentável e experiências exitosas; <input type="checkbox"/> Proposta do Mosaico do Litoral Norte/SP e Turismo Sustentável; <input type="checkbox"/> Plano de Comunicação e Marketing;
Programação	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	
Divulgação	<input type="checkbox"/>    <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	
		Sugestões e críticas <hr/> <hr/> <hr/>

Oficina para elaboração de Diretrizes para o "Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte-SP"		Tem interesse em participar das demais oficinas?
Espaço Físico	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Nivelamento de conceitos em Turismo Sustentável; <input type="checkbox"/> Seleção participativa de produtos regionais; <input type="checkbox"/> Valoração ambiental; <input type="checkbox"/> Certificação de produtos e serviços; <input type="checkbox"/> Turismo Sustentável e experiências exitosas; <input type="checkbox"/> Proposta do Mosaico do Litoral Norte/SP e Turismo Sustentável; <input type="checkbox"/> Plano de Comunicação e Marketing;
Programação	<input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	
Divulgação	<input type="checkbox"/>    <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	
		Sugestões e críticas <hr/> <hr/> <hr/>

Anexo IV. Tabela: Participantes da 1ª. Oficina X Interesse destes em participar das sete oficinas restantes.

Oficina 2. Nivelamento de conceitos em Turismo Sustentável.

Oficina 3. Seleção participativa de produtos regionais.

Oficina 4. Valoração ambiental.

Oficina 5. Certificação de produtos e serviços.

Oficina 6. Turismo Sustentável e experiências exitosas.

Oficina 7. Proposta do Mosaico do Litoral Norte/SP e Turismo Sustentável.

Oficina 8. Plano de Comunicação e Marketing.

Oficina 2.	Oficina 3.	Oficina 4.	Oficina 5.	Oficina 6.	Oficina 7.	Oficina 8.
Admilson da Cruz		Admilson da Cruz			Admilson da Cruz	Admilson da Cruz
Alberto Cecchi - DACNIS	Alberto Cecchi - DACNIS	Alberto Cecchi - DACNIS	Alberto Cecchi - DACNIS	Alberto Cecchi - DACNIS	Alberto Cecchi - DACNIS	Alberto Cecchi - DACNIS
Alexandre Silva (Alexandre.lzt@gmail.com ; F:11 9881-0723)	Alexandre Silva (Alexandre.lzt@gmail.com ; F:11 9881-0723)	Alexandre Silva (Alexandre.lzt@gmail.com ; F:11 9881-0723)	Alexandre Silva (Alexandre.lzt@gmail.com ; F:11 9881-0723)	Alexandre Silva (Alexandre.lzt@gmail.com ; F:11 9881-0723)	Alexandre Silva (Alexandre.lzt@gmail.com ; F:11 9881-0723)	Alexandre Silva (Alexandre.lzt@gmail.com ; F:11 9881-0723)
Aline R. Abbas	Aline R. Abbas	Aline R. Abbas	_____	Aline R. Abbas	Aline R. Abbas	_____
Antonio Camilo Junior	Antonio Camilo Junior	Antonio Camilo Junior	Antonio Camilo Junior	Antonio Camilo Junior	Antonio Camilo Junior	Antonio Camilo Junior
Antonio de Oliveira Santos (toninhodachica@yahoo.com)	Antonio de Oliveira Santos (toninhodachica@yahoo.com)	Antonio de Oliveira Santos (toninhodachica@yahoo.com)	Antonio de Oliveira Santos (toninhodachica@yahoo.com)	Antonio de Oliveira Santos (toninhodachica@yahoo.com)	Antonio de Oliveira Santos (toninhodachica@yahoo.com)	Antonio de Oliveira Santos (toninhodachica@yahoo.com)
Carla P. Zacchi	Carla P. Zacchi	Carla P. Zacchi	Carla P. Zacchi	Carla P. Zacchi	Carla P. Zacchi	Carla P. Zacchi
_____	Carlos Baccarin - PEIA	Carlos Baccarin - PEIA	Carlos Baccarin - PEIA	_____	Carlos Baccarin - PEIA	_____

Oficina 2.	Oficina 3.	Oficina 4.	Oficina 5.	Oficina 6.	Oficina 7.	Oficina 8.
Carlos Paiva - FF	Carlos Paiva - FF	Carlos Paiva - FF	Carlos Paiva - FF	Carlos Paiva - FF	Carlos Paiva - FF	_____
Célia Regina C. Silva Paula (Picinguaba)	Célia Regina C. Silva Paula (Picinguaba)	_____	_____	Célia Regina C. Silva Paula (Picinguaba)	Célia Regina C. Silva Paula (Picinguaba)	_____
Ciça Nogueira	Ciça Nogueira	Ciça Nogueira	Ciça Nogueira	Ciça Nogueira	Ciça Nogueira	Ciça Nogueira
Cintia C. Freitas – SEMAM – S. Sebastião	Cintia C. Freitas – SEMAM – S. Sebastião	Cintia C. Freitas – SEMAM – S. Sebastião	Cintia C. Freitas – SEMAM – S. Sebastião	Cintia C. Freitas – SEMAM – S. Sebastião	Cintia C. Freitas – SEMAM – S. Sebastião	Cintia C. Freitas – SEMAM – S. Sebastião
Cristina Arruda Tubis Martins	_____	_____	Cristina Arruda Tubis Martins	_____	_____	Cristina Arruda Tubis Martins
Christiane Cruz	Christiane Cruz	Christiane Cruz	Christiane Cruz	Christiane Cruz	Christiane Cruz	Christiane Cruz
Elsi – Projeto DACNIS	Elsi – Projeto DACNIS	Elsi – Projeto DACNIS	Elsi – Projeto DACNIS	Elsi – Projeto DACNIS	Elsi – Projeto DACNIS	Elsi – Projeto DACNIS
daniilha@hotmail.com ou projetos.turismo@ilhabela.sp.org.br	daniilha@hotmail.com ou projetos.turismo@ilhabela.sp.org.br	daniilha@hotmail.com ou projetos.turismo@ilhabela.sp.org.br	daniilha@hotmail.com ou projetos.turismo@ilhabela.sp.org.br	daniilha@hotmail.com ou projetos.turismo@ilhabela.sp.org.br	daniilha@hotmail.com ou projetos.turismo@ilhabela.sp.org.br	daniilha@hotmail.com ou projetos.turismo@ilhabela.sp.org.br
Ericka Friol (erickafrjol@gmail.com)	Ericka Friol (erickafrjol@gmail.com)	Ericka Friol (erickafrjol@gmail.com)	Ericka Friol (erickafrjol@gmail.com)	Ericka Friol (erickafrjol@gmail.com)	Ericka Friol (erickafrjol@gmail.com)	Ericka Friol (erickafrjol@gmail.com)
Ezequiel dos Santos	Ezequiel dos Santos	Ezequiel dos Santos	Ezequiel dos Santos	Ezequiel dos Santos	Ezequiel dos Santos	_____
Edelcio Murcet DACNIS	Edelcio Murcet DACNIS	Edelcio Murcet DACNIS	Edelcio Murcet DACNIS	Edelcio Murcet DACNIS	Edelcio Murcet DACNIS	Edelcio Murcet DACNIS
Fabiane Alkmin	Fabiane Alkmin	Fabiane Alkmin	Fabiane Alkmin	Fabiane Alkmin	Fabiane Alkmin	Fabiane Alkmin
_____	Felipe Matos	_____	Felipe Matos	_____	Felipe Matos	Felipe Matos
Fernando E. Pedreira Jr.(marviradosorvete@uol.com.br)	Fernando E. Pedreira Jr.(marviradosorvete@uol.com.br)	Fernando E. Pedreira Jr.(marviradosorvete@uol.com.br)	Fernando E. Pedreira Jr.(marviradosorvete@uol.com.br)	Fernando E. Pedreira Jr.(marviradosorvete@uol.com.br)	Fernando E. Pedreira Jr.(marviradosorvete@uol.com.br)	Fernando E. Pedreira Jr.(marviradosorvete@uol.com.br)
Fernando N. do Rego	Fernando N. do Rego	Fernando N. do Rego	Fernando N. do Rego	Fernando N. do Rego	Fernando N. do Rego	Fernando N. do Rego
Gabriela Tibiriçá Sartori – UNESP – SV	Gabriela Tibiriçá Sartori – UNESP – SV	Gabriela Tibiriçá Sartori – UNESP – SV	_____	_____	Gabriela Tibiriçá Sartori – UNESP – SV	Gabriela Tibiriçá Sartori – UNESP – SV

(ga_sartori@hotmail.com)	(ga_sartori@hotmail.com)	(ga_sartori@hotmail.com)			(ga_sartori@hotmail.com)	(ga_sartori@hotmail.com)
Oficina 2.	Oficina 3.	Oficina 4.	Oficina 5.	Oficina 6.	Oficina 7.	Oficina 8.
Guido Lorenço Botto – assoc. Monitores Ambientais de Ilhabela	Guido Lorenço Botto – assoc. Monitores Ambientais de Ilhabela	Guido Lorenço Botto – assoc. Monitores Ambientais de Ilhabela	_____	Guido Lorenço Botto – assoc. Monitores Ambientais de Ilhabela	_____	Guido Lorenço Botto – assoc. Monitores Ambientais de Ilhabela
Guilherme Fluckiger	Guilherme Fluckiger	Guilherme Fluckiger	Guilherme Fluckiger	Guilherme Fluckiger	Guilherme Fluckiger	_____
_____	_____	_____	_____	Irinéia S. Constâncio (Cambury)	Irinéia S. Constâncio (Cambury)	_____
Jian Niotti	Jian Niotti	Jian Niotti	Jian Niotti	Jian Niotti	Jian Niotti	Jian Niotti
_____	Joana F. C. Alves - PEIb	Joana F. C. Alves - PEIb	Joana F. C. Alves - PEIb	Joana F. C. Alves - PEIb	Joana F. C. Alves - PEIb	Joana F. C. Alves - PEIb
_____	João Correa	_____	_____	João Correa	_____	_____
Juarez Rodrigues	Juarez Rodrigues	Juarez Rodrigues	_____	Juarez Rodrigues	Juarez Rodrigues	Juarez Rodrigues
Júlio (sunungaskimboards@hotmail.com)	Júlio (sunungaskimboards@hotmail.com)	Júlio (sunungaskimboards@hotmail.com)	Júlio (sunungaskimboards@hotmail.com)	Júlio (sunungaskimboards@hotmail.com)	Júlio (sunungaskimboards@hotmail.com)	Júlio (sunungaskimboards@hotmail.com)
Liza Monteleone (lizalisa@hotmail.com)	Liza Monteleone (lizalisa@hotmail.com)	Liza Monteleone (lizalisa@hotmail.com)	Liza Monteleone (lizalisa@hotmail.com)	Liza Monteleone (lizalisa@hotmail.com)	Liza Monteleone (lizalisa@hotmail.com)	Liza Monteleone (lizalisa@hotmail.com)
_____	_____	Luiz Carlos Lima – Maranduba - Ubatuba	_____	Luiz Carlos Lima – Maranduba - Ubatuba	_____	Luiz Carlos Lima – Maranduba - Ubatuba
Malú Moreira	Malú Moreira	Malú Moreira	Malú Moreira	Malú Moreira	Malú Moreira	Malú Moreira
Oficina 2.	Oficina 3.	Oficina 4.	Oficina 5.	Oficina 6.	Oficina 7.	Oficina 8.
Mara Palhares	Mara Palhares	Mara Palhares	_____	Mara Palhares	Mara Palhares	_____
Marcia Rocha (F: 8126-4164)	Marcia Rocha (F: 8126-4164)	Marcia Rocha (F: 8126-4164)	Marcia Rocha (F: 8126-4164)	Marcia Rocha (F: 8126-4164)	Marcia Rocha (F: 8126-4164)	Marcia Rocha (F: 8126-4164)
Marco Perrotti	Marco Perrotti	Marco Perrotti	Marco Perrotti	Marco Perrotti	Marco Perrotti	Marco Perrotti

Oficina 2.	Oficina 3.	Oficina 4.	Oficina 5.	Oficina 6.	Oficina 7.	Oficina 8.
Marcus (marcus@ecosurfi.org)	Marcus (marcus@ecosurfi.org)	Marcus (marcus@ecosurfi.org)	Marcus (marcus@ecosurfi.org)	Marcus (marcus@ecosurfi.org)	Marcus (marcus@ecosurfi.org)	Marcus (marcus@ecosurfi.org)
Maria da Penha M. Gomes - CEI	Maria da Penha M. Gomes - CEI	Maria da Penha M. Gomes - CEI	Maria da Penha M. Gomes - CEI	Maria da Penha M. Gomes - CEI	Maria da Penha M. Gomes - CEI	Maria da Penha M. Gomes - CEI
Mariana S. A. Pirró	Mariana S. A. Pirró	Mariana S. A. Pirró	_____	_____	Mariana S. A. Pirró	_____
_____	Marcos Roberto dos Santos	Marcos Roberto dos Santos	_____	Marcos Roberto dos Santos	Marcos Roberto dos Santos	_____
_____	_____	Mauro Apingorá	Mauro Apingorá	_____	Mauro Apingorá	Mauro Apingorá
Milena Franceschinelli	Milena Franceschinelli	Milena Franceschinelli	Milena Franceschinelli	Milena Franceschinelli	Milena Franceschinelli	Milena Franceschinelli
Patricia Maciel	Patricia Maciel	Patricia Maciel	Patricia Maciel	Patricia Maciel	Patricia Maciel	Patricia Maciel
Ricardo L. S. Dias	Ricardo L. S. Dias	Ricardo L. S. Dias	Ricardo L. S. Dias	_____	_____	_____
_____	Roberto de Oliveira	_____	_____	Roberto de Oliveira	_____	_____
Rui Alves Grilo (ragrilo@terra.com.br)	Rui Alves Grilo (ragrilo@terra.com.br)	Rui Alves Grilo (ragrilo@terra.com.br)	Rui Alves Grilo (ragrilo@terra.com.br)	Rui Alves Grilo (ragrilo@terra.com.br)	Rui Alves Grilo (ragrilo@terra.com.br)	Rui Alves Grilo (ragrilo@terra.com.br)
Sabrina – SECTUR	Sabrina – SECTUR	Sabrina – SECTUR	Sabrina – SECTUR	Sabrina – SECTUR	Sabrina – SECTUR	Sabrina – SECTUR
Sérgio Pretel	Sérgio Pretel	Sérgio Pretel	Sérgio Pretel	Sérgio Pretel	Sérgio Pretel	Sérgio Pretel
_____	_____	Vanessa S. Santos (Cambury)	_____	_____	Vanessa S. Santos (Cambury)	_____
_____	Wagner Alexandre - Ubatuba	_____	_____	_____	_____	_____

Anexo V. Estrutura e Conteúdo do Plano de Comunicação CEDS 2011 - UC & TS, desenvolvido por Ana Celina Tiburcio.

18 de outubro de 2011

São Sebastião

ÍNDICE

1. Resumo Executivo
2. Introdução/ Litoral Norte Paulista
3. Enquadramento
4. Objetivos
5. Abordagem Estratégica
 - 5.1. Públicos-alvo
6. Posicionamento da Comunicação
7. Estratégia de Divulgação
 - 7.1. públicos-alvo
 - 7.2. produtos de visitação

Convênio:



7.3. mobilização

7.4. logotipo e slogan do programa

8. Plano de Participação

8.1. públicos-alvo

8.2. fórum participativo

8.3. Calendário de Execução

9. Arquitetura da Comunicação

9.1. planejamento evolutivo da campanha e de sua gestão

10. Avaliação

11. Orçamento

ANEXOS.

1. Resumo Executivo

2. Introdução/ Litoral Norte Paulista

1. Turismo sustentável no Litoral Norte do ESP / Estado de São Paulo.

Convênio:



2. Unidades de conservação do Litoral Norte do ESP.

3. População do Litoral Norte do ESP.

3. Enquadramento (?)

* Diálogo para a Sustentabilidade do Litoral Norte do Estado de São Paulo -

CEDS/Centro de Experimentação em Desenvolvimento Sustentável.

* Gerenciamento integrado de áreas costeiras e oceânicas.

* Planejamento e gestão das unidades de conservação da região.

* Planos municipais, regionais e setoriais para o desenvolvimento sustentável do Litoral Norte do ESP.

* Convenção da Diversidade Biológica - Metas de Aichi 2011-2020.

* Mudanças Climáticas e seu efeito na região.

4. Objetivos

Objetivo central: comunicar a biodiversidade da região.

"A gestão adequada de espécies inclui o uso sustentável dos componentes da biodiversidade, o acesso do público às áreas de preservação e um amplo processo de participação científica, além de mais pesquisas. Temos que avançar em metodologias inovadoras, novos modelos de mercado e desenvolver uma visão estratégica sobre as bacias de ativos florestais", avalia a ministra. (Debate define estratégias para conservação de espécies ameaçadas. 14/10/2011. Carine Almeida)

Fonte: ASCOM MMA

Convênio:



Objetivos específicos:

- * Comunicar, promover e envolver para o Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do Litoral Norte/SP como um todo, homogeneizada a identidade e comunicação de seus diferentes produtos/serviços ambientais por meio da marca/logo...
- * Divulgar, promover e comunicar os diversos produtos de visitação oferecidos nas UC, o interesse e as vantagens em que a mesma se faça, e as respectivas potencialidades em termos de lazer e turismo.
- * Comunicar e envolver para o planejamento e a gestão integrada das UC da região.
- * Comunicar e envolver para a conservação da biodiversidade em Mata Atlântica, ecossistemas associados e áreas costeiras e oceânicas.
- * Fomentar o interesse pela visitação e usufruto das unidades de conservação – PESM – promovendo o conhecimento e o respeito pela natureza e meio ambiente.
- * Promover a oferta e procura de turismo de Natureza na região do Litoral Norte Paulista e, posteriormente alargar a divulgação ao mercado nacional, internacional??

5. Abordagem Estratégica

Convênio:



Conhecimento compartilhado sobre aspectos centrais da situação regional e setorial, o contexto (turismo sustentável, costeiro-marinhas e conservação da biodiversidade), particularmente quanto à sustentabilidade, em seus aspectos ambiental, social, econômico, cultural, pessoal e institucional. Definição de:

Mensagens – clara e atrativas para o público, sem excesso de informação - mantendo:

- * identidade/ mensagem central /fio condutor (base para uma estratégia de “marketing” viral) para toda campanha, a exemplo de lema ou logomarca.
- * mensagens adaptadas para cada público, idealmente testadas por protótipos.
- * mensagens, quando possível, associadas a relações emotivas com o público.

Canais de comunicação - meios de massa, internet, pessoais, por meio de organizações efetivamente representativas, por meio de formadores de opinião, redes sociais simples etc.

5.1. Públicos-alvo

Conhecimento detalhado sobre o público - permanente e transitório na região, estabelecendo prioridades

- * Questionário; “focus groups”, enquetes etc., além de repetir abordagens sobre formadores de opinião do público alvo.
- * absorva as mensagens.

* internalize as mensagens em suas ações futuras.

6. Posicionamento da Comunicação (premissas)

(a) Conservação da biodiversidade.

(b) Unidades de conservação.

(c) Segmentação turística incidente sobre a região.

(d) Gerenciamento integrado de áreas costeiras e oceânicas.

(e) Mudanças climáticas.

(f) Desenvolvimento sustentável.

(g) Sustentabilidade do turismo - considerando curto, médio e longo prazos, a partir de enfoques econômicos, ambientais, sociais, culturais, pessoais e institucionais.

(h) Potencial crescimento da atividade turística receptiva regional, considerando os limites associados à atual concentração na alta temporada, o perfil da visitação (inclusive a forte incidência de residências secundárias) e os potenciais associados a instrumentos de planejamento que integrem abordagem territorial com temporal, como o ROS - Espectro de Oportunidades de Recreação.

(i) O turismo com reconhecimento efetivo de sua importância regional, quando exercido de forma sustentável, gerando emprego e renda localmente e promovendo efetivo e cuidadoso resgate histórico e cultural.

(j) O Litoral Norte deve continuar a oferecer uma experiência única aos visitantes, ampliando este conceito no aspecto da sustentabilidade, garantindo indicadores de aumento nos retornos, no tempo de permanência e no investimento realizado pelo turista.

7. Estratégia de Divulgação

A estratégia da comunicação PARA a Sustentabilidade buscando divulgar e conhecer as atividades, potencialidades e oportunidades decorrentes do TS LN e a **abertura de canais de comunicação** entre o Programa TS LN e a população.

As ações deverão atingir as proposições para turismo sustentável e gestão de UC,

evitando foco em objetivos genéricos e naqueles com causas mais amplas que “apenas” a comunicação. Desta forma, focando em ações relacionadas ao público alvo – individuais e/ou mistas:

* elevar a consciência.

* mudar as atitudes.

* mudar a conduta.

Serão desenvolvidas parcerias com a imprensa local e regional, com o objetivo de conferir maior eficácia na disseminação da informação na região.

A estratégia de divulgação incorporará mecanismos que possibilitem perceber o grau de apropriação dos agentes em relação à informação veiculada, permitindo assim avaliar se a mensagem de mudança está efetivamente atingindo seu destinatário. Um exemplo destes mecanismos inclui a organização de momentos de debate e discussão, em sede de reunião dos Fóruns Participativos abertos à comunidade. (plano participativo)...

7.1. públicos-alvo

São observados três grupos de interesse componentes para o Plano de Comunicação que se caracteriza como: (i) Estratégica, (ii) Direta e (iii) Gerencial.

Comunicação Estratégica: Agências e operadoras (ecoturismo / turismo rural / turismo de aventura / turismo pedagógico / turismo cultural / turismo histórico / turismo religioso / etc.); Mídia especializada em turismo, tanto voltada para as agências e operadoras, como para os consumidores finais.

Comunicação Direta: turistas e visitantes.

Comunicação Gerencial: UCs/Fundação Florestal, Instituto Florestal, CEDS,

REALNORTE e ONGs, Petrobras, Secretaria de Turismo do ESP, Secretaria de Meio Ambiente do Estado de SP, CATI-SAA, Prefeituras Municipais do LN-ESP, COMTURs do LN-SP, MMA, MTur, Comitê Paulista da Copa do Mundo FIFA 2014, técnicos atuantes nos projetos de desenvolvimento sustentável e conservação da natureza na região, CATI, CBH-LN etc.

Fluxo circular e multipolar da comunicação

Públicos-alvo ==> Chamar a atenção ==> Alimentação de informações ==>

Despertar o interesse

Realimentação ==> mídia...

Públicos-alvo por segmento (relacionar)

Convênio:



7.2. produtos de visitação

Produtos de Turismo da Natureza

PESM –

Percursos pedestres – trilhas...

Rafting, mergulho...

Visitação cultural

Patrimônio histórico e naturais

Cultura tradicional/atividades artesanais

Educação Ambiental

Observação de aves

atividades noturnas ??? - observação astronômica ou da fauna durante a noite...

Outros produtos

Plano de Manejo

Programas de ecoturismo municipais e regionais (TS LN)

Base de Turismo de Base Comunitária no LN

Convênio:



Certificação de produtos e serviços em Ecoturismo (plano de comunicação: ações para inserir/promover pautas/discussão sobre o tema na região)

7.3. Comunicação Integrada/Mobilização

Planejar um mix de comunicação não é tarefa simples e recomenda-se que o Programa TS LN o construa a partir das relações públicas e marketing. Ajudando no fortalecimento de sua imagem no Litoral Norte Paulista e na consecução de seus objetivos; na fixação pública dos seus valores e na realização de ações voltadas à concretização de seu ideário no contexto do desenvolvimento sustentável...

MAPA DA COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE (inserir)

==> **Plano de Ação, para a temática “Participação da Sociedade nas UCs”:**

- Plano de Comunicação das UCs para a região, incluindo:
- Divulgação dos Planos de Manejo (criação de folder/pequena 'cartilha'/ vídeo para divulgação, bem como espaços de debate/apresentação – atividades como roda de conversa, saídas na mata atlântica; mídia; entrevistas em rádios e TV; ... **Envolver funcionários das UC e seus respectivos conselhos...**)
- Maior participação sociedade nos Conselhos Consultivos e aproximação com as comunidades tradicionais (**pesquisa – precisamos das seguintes respostas**) – o que os aproxima e o que os distancia das UC?? Como criar

comprometimento? Pertencimento?...Mudança de visão das comunidades tradicionais>< aproximação. Estas comunidades conhecem de fato as UC da região do LN e sobretudo aquelas que 'sofrem' influência direta? Quais os interesses destas comunidades...?? ...mais?

- Incentivo à criação da marca “Amigos do Parque, APA etc.”. (plano de comunicação: divulgação, promover/criar pautas – envolver gestores UC/ funcionários UC/ comunidades tradicionais/ conselhos consultivos/ comércio/trade turístico e em geral...)
- Articular a comunicação integrada das UCs - portal – ecoprojeto

- **Comunicação Institucional**

...alguns valores/princípios identificados no Programa:

- transparência
- diálogo
- ética
- credibilidade
- participação/participatividade

- comprometimento e respeito ao ser humano
- comunicação não violenta ou da paz...

Marca e slogan do Programa

marca ==> sentido ==> significado

Logotipo – personalizado na indicação do município que está inserido.

Turismo Sustentável no Litoral Norte

Conheça seus atributos especiais

Turismo Sustentável no Litoral Norte

Conheça suas atrações ambientais

Turismo Sustentável no Litoral Norte

Um novo conceito de aventura

Turismo Sustentável no Litoral Norte

Conheça e proteja a natureza

Turismo Sustentável no Litoral Norte

Fortalecendo parcerias

Turismo Sustentável no Litoral Norte

Convênio:



Contemplar é bem estar

Turismo Sustentável no Litoral Norte

É construir sua história de vida

Parque da Serra do Mar

Visite, valorize e proteja a natureza

Parque da Serra do Mar

Um laboratório vivo

Litoral Norte é um espaço plural, cruzamento de culturas, estilos de vida!

Índio

cultura da terra

Quilombola

cultura da arte

Caiçara

cultura da Natureza

Comunidades Tradicionais

Terra, Arte e Natureza

Convênio:



- '**banco de dados**' contendo informações diversas de seus públicos, promovendo facilidade de acesso e armazenamento.

'Lançamento' e divulgação do Programa TS LN >< coletiva de imprensa

Articulação de Parcerias

Unidades de Conservação regionais.

Secretaria de Turismo do Estado de SP.

Secretarias Municipais de Turismo e de Meio Ambiente.

ONGs/ OSCIPs.

Trade local e atuante na região.

Outros.

Público estratégico:

interface com UC sobretudo Conselhos Consultivos

Parcerias com ONG, ponto de culturas...termo de compromisso com ONG...trabalharem

conjuntamente o tema TS...em seus projetos, buscas de editais...bem como agenda de atividades influenciadas e promovidas pelas diretrizes do Programa...**participação em editais** MinC >< Programa Mais Cultura >< Cultura Digital >< tem como finalidade dar o suporte tecnológico mínimo para a preservação e continuidade das comunidades e das manifestações populares a partir da seleção via edital público.

Convênio:



...fazer um vídeo doc. 20-25 min...sobre as culturas tradicionais da região... com a participação e protagonismo reportagem pelas próprias pessoas-culturas...

• **Comunicação Mercadológica (MKT)**

“Campanhas Publicitárias (todas as mídias), exposições itinerantes, entre outros meios...

MKT Relacionado a causa >< visibilidade das UC – por exemplo envolvendo, numa campanha, a conservação de determinado espécie (com algum grau de ameaça/perigo) – como símbolo para a região do LN paulista...podendo ser uma da floresta e outra marinha; Campanha de Conservação e Divulgação da Serra do Mar/ da...biodiversidade **Exposição Itinerante**

• **Assessoria de Imprensa**

Imprensa Escrita e Rádio a serem identificados nos municípios:

- Caraguá
- São Sebastião
- Ilhabela
- Ubatuba

Lista de meios de comunicação local a envolver, bem como regional...

Publicações especializadas em turismo, desenvolvimento sustentável

TV >< 'Planeta Vanguarda'...

• **Comunicação Digital**

Convênio:



Página Web (junto a do CEDS ou não...)

A Internet é um meio acessível ao público jovem e permite o contato com pessoas de fora da região. O conteúdo da Página Web será interativo, possibilitando a comunicação com os usuários, nomeadamente um fórum de discussão, comentários etc. Em seguida enumera-se o conteúdo que a Página Web deverá disponibilizar: Informação de enquadramento à temática do Programa TS LN Meios de participação – espaços de comentário, Fórum On-line, salas de discussão; Calendário de atividades; Notícias; Galeria de imagens; Ligações úteis; “E-newsletters”.

7.4. Logotipo e slogan do programa

8. Plano de Participação

A estratégia de participação envolve a definição de momentos e a criação de mecanismos destinados a fomentar o envolvimento da população em geral no **Programa de Apoio ao Turismo Sustentável do Litoral Norte Paulista (CEDS/LN)**.

Pretende-se que esta participação não se esgote na fase inicial da estratégia mas que se reproduza ao longo do tempo. Neste âmbito, a construção de confiança mútua e a formação de parcerias efetivas e duradouras entre parceiros locais e regionais serão essenciais para que se concretize o compromisso com a promoção e apoio do turismo sustentável na região.

8.1. público

A população destinatária do plano de participação do Programa TS LN compreende a a população da região, em especial os públicos estratégicos do Programa. No entanto, cada ação empreendida terá um público específico, sendo assim alvo de detalhe no âmbito dos meios a mobilizar.

Ações de Mobilização e Sensibilização da Comunidade

Sugestão de quatro ações nas vertentes Econômica, Social, Ambiental e Cultural, com o objetivo de sinalizar/sensibilizar o Programa TS LN e assim promover a atenção, interesse e envolvimento da população. Para as ações propostas o ideal é consultar tais grupos/líderes estratégicos a fim de legitimar tais ações, a serem implementadas de forma conjunta e simultânea em todos os conselhos. Contudo, seguem sugestões abaixo.

Ações de mobilização a implementar em simultâneo nos conselhos/ comunidades do entorno UC

Dimensão Social – campanha social

Dimensão Ambiental – educação ambiental/plantio/**serviços ecossistêmicos**

Dimensão Econômica – valoração serviços ambientais/ uso racional dos recursos

Dimensão Cultural – expressão das culturas tradicionais...teatro/exposição/concurso...

8.2. Fórum Participativo

O Fórum Participativo visa integrar as realidades dos Núcleos PESM LN SP, integrando seus conselhos e comunidades a nível regional, propondo:

Discutir os temas relacionados com o desenvolvimento sustentado do PESM,

Fomentar o desenvolvimento das comunidades locais;

Debater e aprovar o Plano de Ação ...

Delegar tarefas em grupos de trabalho;

Divulgar/Informar-se sobre os planos e políticas do Município.

Bem como para o trade turístico...

8.3. Calendário de Execução

9. Arquitetura da Comunicação/ como administrar a campanha

9.1. planejamento evolutivo da campanha e de sua gestão

Destaques:

Quem será o órgão gestor para a Comunicação? Que caminho seguir?

Orçamento

- * grupo diretivo envolvendo temáticas como desenvolvimento sustentável, diversidade cultural, turismo, biodiversidade, comunicação e políticas públicas.
- * instituição líder identificada claramente, com definição transparente de responsabilidades e deveres entre os membros da equipe.
- * coordenação operacional claramente identificado como “a cara da campanha”.
- * atualização / “refresh” constante das mensagens a partir da leitura atualizada do contexto.
- * ações e ferramentas: eventos, impressos, “releases”, Internet, rádio, TV, mídias populares (como teatro de rua), sinalização integrada, “cara a cara” com hotéis / restaurantes / similares, “cara a cara” com condomínios da região, integração de mensagens

Convênio:



em mídias regionais (contas de serviços públicos, jornais de circulação local, elaboração de cartilhas técnicas, diplomação, envolvimento de grupos de mídia e de agências e operadoras etc.), reforço ao comitê gestor deste plano, capacitação etc.

* cronograma efetivo da campanha, com etapas / produtos claramente

identificados (obtidos desde o curto prazo), integrando a outros eventuais eventos afins - e já prevendo continuidade da campanha para período após conclusão do plano.

* sistema de monitoramento associado a estratégias alternativas.

* sistema de gerenciamento em eventual crise (problemas no orçamento, “troca de cadeiras” etc.).

* Mapa de Comunicação regional.

10. Avaliação

Construção de **sistema participativo e documentado de monitoramento da comunicação frente a suas metas** -

“hits” em “website”;

comentários em Internet;

pessoas presentes em eventos;

cobertura pela mídia;

enquetes com população sobre temas como nível de consciência;

demanda de informação sobre temas da campanha;

alteração nas prioridades e estratégias de parceiros e a evolução de iniciativas comunitárias.

Destacando:

* sistema quali-quantitativo de monitoramento do êxito do processo - adaptando

três estilos de medição, adequados para cada meta:

(i) processos: mensagens 'versus' público / momento / frequência.

(ii) resultados: mudança de consciência / atitude / conduta do público - de forma comparativa entre “t0” e “t após campanha”.

(iii) impactos: sobre as metas globais.

* sistemática de diálogo permanente (“feed-back”) com os públicos de interesse - para que se apropriem da campanha e auxiliem no monitoramento.

Avaliação de resultados

• Ação ==> Indicador quali/ Indicador quanti ==> Forma de coleta de dados ==>

periodicidade

Anexo VI. Propostas de Marcas do “Programa de Apoio ao Desenvolvimento do Turismo Sustentável do LN/SP”, desenvolvida por Giulino Cesar Vieira Silva.

Proposta 1. Conceito “Mosaico”



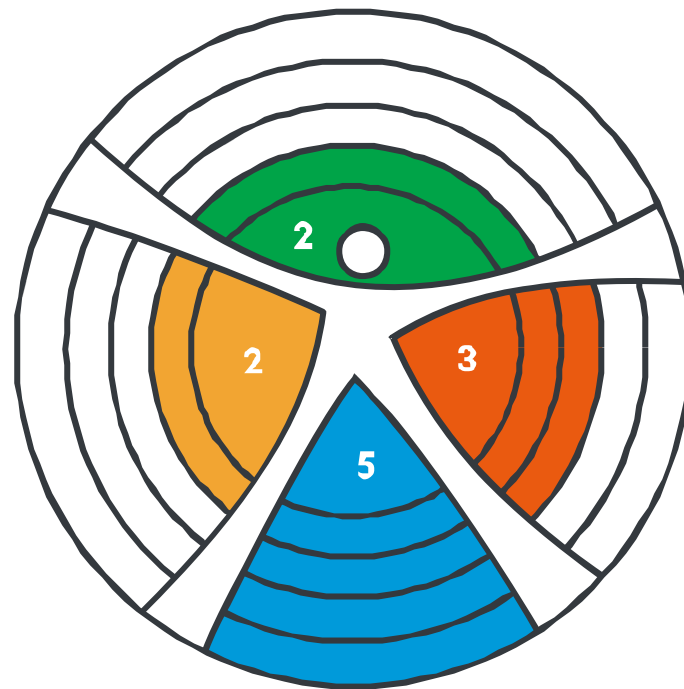
**Turismo
Sustentável**

no Litoral Norte - SP

Convênio:



Possibilidade de tornar-se um selo de certificação com graus de responsabilidades.



Proposta 2. Conceito “Reflexo”



Proposta 3. Conceito “Envolvimento”



Convênio:

